



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA**

ANGÉLICA ROSSI

**ERECHIM, CIDADE MODERNA: ESPAÇO, CORPO E CIVILIDADE NAS DÉCADAS
DE 1950 E 1960**

**CHAPECÓ
2018**

ANGÉLICA ROSSI

**ERECHIM, CIDADE MODERNA: ESPAÇO, CORPO E CIVILIDADE NAS DÉCADAS
DE 1950 E 1960**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em História sob a orientação da Prof^a Dr. Gerson Wasen Fraga.

CHAPECÓ
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Rossi, Angélica

Erechim, cidade moderna:: Espaço, corpo e civilidade nas décadas de 1950 e 1960 / Angélica Rossi. -- 2019. 80 f.

Orientador: Doutor Gerson Wasen Fraga.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História-PPGH, Chapecó, SC , 2019.

1. História da cidade. 2. Regramento social. 3. Civilidade. 4. Modernidade. I. Fraga, Gerson Wasen, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANGÉLICA ROSSI

**ERECHIM, CIDADE MODERNA: ESPAÇO, CORPO E CIVILIDADE NAS DÉCADAS
DE 1950 E 1960**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre
em História, defendido em banca examinadora em dezembro de 2018.

Aprovado em: 19/12/2018

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga – UFFS Campus Erechim
Presidente da banca/orientador



Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza – UFFS Campus Erechim
Membro titular externo



Prof. Dr. Marlon Brandt – UFFS Campus Chapecó
Membro titular interno

Chapecó/SC, dezembro de 2018.

Agradecimentos

Agradecer em parte se torna uma percepção de suas ações durante uma caminhada; E para mim, esta teve muitos percalços. Me vi em meio a um trabalho (pelo qual tinha paixão) sem conseguir sequer me expressar sobre ele. Os dois anos do mestrado, mais o tempo de prorrogação, foram tempos em que realmente minha vida deu uma reviravolta total.

Sentada na escrivaninha, cercada de livros e tentando escrever, via minha mãe sentada em minha cama, sempre com algum livro na mão e uma xícara de chá na outra dizendo: queria entender das coisas para poder te ajudar filha, mas a mãe não sabe. E eu sempre dizia: viu mãe, você tem que voltar a estudar pra poder me ajudar, em tom de brincadeira. Acordava toda manha e já olhava para o vão da porta ao lado da cama, sempre tinha um bilhete dela, alguns diziam: eu te amo mais que tudo, outros diziam: toma um chá e come alguma coisa antes de ir trabalhar tá, beijo na bunda; e ainda outro: eu te amo e te apoio em qualquer decisão que você tomar...

Não preciso pensar muito para perceber que ela é simplesmente a maior razão dos meus agradecimentos e mais, a razão de ainda estar aqui. Mãe, você é sem dúvida meu maior exemplo pra me tornar uma pessoa melhor a cada dia, TE AMO.

Quando penso em agradecer, vem em mente imediatamente a Jéssica Wessoloski. Mesmo com todos problemas particulares, sempre me deu forças pra seguir... e ainda revisou o texto pra me deixar menos paranoica de que estava tudo muito aquém, como ouvi. Amo tu.

Se fizeram de extrema importância as colegas Raquel e Andréia, que nessas tantas andanças sempre me acompanharam nos momentos de alegrias e inseguranças, nas caronas idas e vindas... Ao colega Fábio, que sempre que possível me ligava dizendo que iria me levar as 23:30 pra rodoviária pois meu ônibus saia depois das 00:30, e eu chegaria em Erechim somente as 3:00 da manhã e trabalharia as 08:00.... Meu mais sincero abraço e carinho, vocês são algumas das melhores coisas que o mestrado pode me proporcionar, por terem me dado forças para continuar.

Ao Gerson, orientador, que apesar das diferenças conseguimos levar o trabalho à cabo. Meu muito obrigada.

Ao Fábio, ex-orientador e exemplo pra vida toda, obrigada por ser a pessoa mais humana e o significado de empatia que pude conhecer. Mesmo que te apresentasse qualquer folha meramente escrita, você conseguiria achar pontos fortes e fracos, e demonstrar como aquilo se tornaria um trabalho de importância. Obrigada por rir das minhas piadas sem graça; por sempre divulgar meu trabalho, me apresentar discussões novas, apresentar-me a outros professores. Desculpa meus surtos, e obrigada pelos conselhos; como sempre digo, quando crescer quer ser ao menos um pouco como você!

Como nada se constrói sozinho, dessa forma agradeço a tudo que me aconteceu nesses últimos tempos, às pessoas que passaram pela minha vida e as que ficaram.

Na depressão que me abateu nesses últimos tempos acabei percebendo uma grande verdade, tudo que falamos pode ser lido de tantas maneiras que não devemos nos abster da preocupação de como iremos soar... jamais podemos relativizar os problemas psicológicos que criamos, ou ajudar a aprofundar nas pessoas.

Fica a célebre frase de post de internet que me guiou nos últimos tempos: “Pare de se culpar ou achar que deveria ter feito algo diferente. Você fez o melhor que pôde com o grau de consciência que você tinha naquele momento. Se perdoe. Se tranquilize. Você não é isso que sua mente diz, você é luz!”

It's not right, but it's okay
I'm gonna make it anyway

Whitney Houston

RESUMO

O presente trabalho busca problematizar as produções discursivas e visuais acerca da constituição da história da cidade de Erechim – RS, mais especialmente na década de 1950 e 1960, percebendo a influência e os significados adquiridos pelos conceitos de civilidade e modernidade; tal possibilidade se torna de extrema significância uma vez que se pode perceber uma circularidade, e até uma pretensão, na criação de padrões civilizados para as condutas dentro do ambiente citadino tanto como uma percepção específica sobre a cidade enquanto local moderno onde estas deveriam convergir. Para tanto, o objeto principal de análise serão as publicações tais como o jornal A Voz da Serra e a Revista de Erechim, além de almanaques e álbuns fotográficos que formavam séries imagéticas sobre a cidade. Nesse sentido tornam-se importantes alguns aspectos centrais que relacionam-se aos conceitos de civilidade e modernidade, tais como a organização de clubes sociais, a renovação/criação da paisagem central da cidade, as normas de comportamento veiculadas em forma de conselhos.

Palavras-chave: Imprensa. Cidade. Comportamento. Modernidade. Civilidade.

ABSTRACT

The present work tries to problematize the discursive and imagistic productions about the constitution of the history of the city of Erechim - RS, more especially in the decade of 1950 and 1960, perceiving the influence and the meanings acquired by the concepts of civility and modernity; this possibility becomes of extreme significance since one can perceive a circularity and even a pretension in the creation of civilized standards for conduct within the city environment as well as a specific perception about the city as a modern place where they should converge. To do so, the main object of analysis will be the publications such as the newspaper A Voz da Serra and the Revista de Erechim, as well as almanacs and photographic albums that formed imaginary series about the city. In this sense some central aspects that relate to the concepts of civility and modernity, such as the organization of social clubs, the renovation / creation of the central city landscape, the norms of behavior conveyed in the form of councils become important.

Keywords: Press. City. Behavior. Modernity. Civility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1	Comparação da cidade a partir do núcleo inicial da ferrovia	24
2	Subdivisão da Colônia Erechim em lotes rurais	25
3	Projeto para Sede da Colônia Erechim. Carlos Torres Gonçalves	27
4	Arco do triunfo	28
4	Vista da Avenida José Bonifácio. Primeiro incêndio em 08/11/1931	30
5	Vista da Avenida José Bonifácio. Reorganização da cidade após o incêndio	31
6	Avenida José Bonifácio, 1930	33
7	Reformulação da paisagem da Avenida José Bonifácio	33
8	Construção do Condomínio Erechim, primeiro edifício. 1957	34
9	Vista aérea central, década de 1990	35
10	Carnaval em 1932 no Clube Germania	40
11	Prédio antigo do Centro Cultural 25 de Julho	41
12	Primórdios do Clube Atlântico	43
13	Primeira sede do Ypiranga Futebol Clube	44
14	Bloco de Carnaval do Ypiranga Futebol Clube	45
15	Notas sociais	46
16	Manchete de jogo entre Atlântico e Ypiranga	47
17	Inauguração do Clube Treze de Maio	49
18	Equipe de futebol do Treze de maio	50
19	Festa Caipira no Esporte Clube Treze de Maio	51
20	Matéria Uma revista para Erechim	54
21 à 28	Capas da Revista Erechim	56 – 57
29 e 30	Propagandas	58
31	Apresentação das concluintes do magistério	59
32	Anúncio da criação da Revista Erechim	60
33	Entrega dos certificados	61
34	Matéria Um acontecimento social de Relevô	62
35	Conselhos de beleza	64
36	Cantinho da menina moça	65
37	Matéria Defendendo as Mulheres Feias	70
38	Cooperação da mulher indispensável ao êxito da família	72

39 Lutam pelos direitos as mulheres do Brasil	74
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. A CONSTITUIÇÃO DA CIDADE ENQUANTO LOCAL DE CIVILIDADE E MODERNIDADE	20
2.1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES: O LÓCUS ESPACIAL	20
2.2. UM MARCO NO INÍCIO DA TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM	24
2.3 Sobre uma história em cinzas: a particularidade dos incêndios	29
3. O EXERCER DA CIVILIDADE NA CIDADE: O PERTENCIMENTO AOS CLUBES SOCIAIS	37
3.1 CIVILIDADE ENQUANTO ZONA DE FRONTEIRA NA SOCIEDADE ERECHINENSE	37
3.2 A ESPECIFICIDADE DO CLUBE 13 DE MAIO	48
4. O CORPO FEMININO ENQUANTO ESPAÇO PRIVILEGIADO DOS DISCURSOS REGULAMENTADORES	53
4.1 A especificidade da sexualidade: o livro A nossa vida sexual de Fritz Kahn	67
5. À GUISA DE CONSIDERAÇÕES	78
6. REFERÊNCIAS	80

1 INTRODUÇÃO

Erechim, 3 de junho de 1958. Vem à tona nas páginas do jornal A Voz da Serra uma matéria intitulada “Moralidade: tema dos Erechinenses”. Nela, são elencados os fatores que deram o pontapé inicial para uma “Campanha da Moralização” que mobilizaria toda a cidade. Demonstrada como uma “batalha contra a degradação que se avizinha”, elenca-se a juventude enquanto maior campo de incidências das práticas consideradas incorretas, tais como: “leitura de revistas condenáveis, romances pincelados de licenciosidades” além de se tornarem frequentadores de locais “suspeitos” em que se dão aos vícios como o álcool e demais “corrupções”.

Essa matéria instaura uma série de mobilizações nessa chamada “cruzada” em favor da moral e bons costumes. Os assuntos transitam entre as mais diversas temáticas, tais como a leitura (onde são indicados os livros que devem ou não ser lidos), comportamento das mulheres (postura no lar e nas atividades públicas) para além das preocupações com mães solteiras, prostituição, infidelidade, divórcio.

Para além das simples matérias de cunho de aconselhamento, no que tange as regras de comportamento social, as publicações agora ganham tons mais enfáticos, como demonstrados em 31 de agosto do mesmo ano, onde uma matéria alerta para a criação de uma sociedade secreta em Porto Alegre que teria por finalidade investigar a vida de membros do que chamam “juventude transviada” e punir até fisicamente atitudes que seriam reprovadas pela moral e bons costumes.

O salto demonstrado entre a comparação das publicações do início para o fim da década de 1950 aponta indiscutivelmente para um descomedimento no que concerne as publicações que visam regramento/moldagem social. O desejo de civilidade e modernidade passa a se tornar palavra de ordem e vai ser levado a cabo se utilizando táticas cada vez mais coercitivas.

A particularidade da escolha e do aprofundamento nessa temática advém de minha própria vivência enquanto pertencente ao cotidiano da cidade. Vários fatores vivenciados em ambientes e situações foram me abrindo os olhos para a, ainda hoje, operacionalidade das relações que demonstram a atualidade das fronteiras instauradas pela civilidade.

Primeiro impacto é o estar/viver na cidade, onde se sobressaem os efeitos dos títulos/nomes de família. Em parte da celebração do passado e dos imigrantes que teriam auxiliado na construção da cidade, vemos uma supervalorização de nomes ou etnias mediante a grande parcela da herança indígena ou negra. Em meu caso específico, percebo que por meu sobrenome ser referente a etnia italiana, sempre sou questionada se pertenço aos grandes destaques que o possuem (à família Rossi das armas, à família Rossi dos calçados, à família Rossi da imobiliária) e qual não é a grande surpresa o desapontamento ao responder que não faço parte de nenhum desses grupos.

Nesse sentido também, enquanto exercendo funções nas atividades comerciais da cidade me deparei com o grande número de ocorrências onde o nome, sinônimo de status, é utilizado para demonstrar superioridade e como forma de garantir certa diferenciação no tratamento, e até privilégios ao que seriam os procedimentos padrão. A frase que pode ser claramente identificada por grande parte dos assalariados é “mas você sabe quem eu sou?”, muitas vezes com um tom sarcástico e coercitivo, de forma a forçar o trabalhador (que depende de avaliações positivas de sua postura por parte de sua chefia) a tentar contornar a situação para não sofrer com contestações, pois geralmente a frase que se segue é “eu sou amigo/conheço o dono do estabelecimento”. Sim, a cidade possui mais de 100.000 habitantes atualmente. Sim, essas situações ainda ocorrem com mais frequência do que imaginamos.

Por conseguinte, pensar um trabalho que se proponha investigar aspectos que unam desejos de civilidade e modernidade na construção de uma cidade implicam necessariamente perceber que este se situa no viés da História Cultural, priorizando o alargamento de fontes de maneira a tornar mais amplas as percepções de como as realidades são dadas a ler no decorrer do tempo e espaço, partindo das diferentes apreensões e simbolismos que adquirimos do e no cotidiano através dos discursos, imagens e vivências.

Sendo assim, em específico busca-se perceber como determinados conceitos, principalmente através da imprensa, vão nortear as posturas tanto para a vida privada quanto a vida pública, instaurando um ambiente citadino onde todos os regramentos se entrecruzam formando uma teia de relações em consonância aos anseios de projeção de uma cidade moderna e civilizada. Para a concretização

desses objetivos, a imprensa era ponto central desse empreendimento, por se tratar do difusor por onde seriam levados os regramentos ao conhecimento da população, e por sua vez iriam nivelar as posturas exigidas para a convivência e ascensão da cidade ao patamar ambicionado.

Desta maneira, cabe ainda ressaltar ainda as bases pela qual se entende o conceito de civilidade, tão fundamental a essa discussão. Segundo Norbert Elias (1994) o conceito de civilidade adquire sua delimitação e funções específicas a partir do século XVI, e teria a raiz dessa definição oriunda na obra “De civilitate morum puerilium” (Da civilidade em crianças) de Erasmo de Rotterdam. Trazendo a palavra antiga *civilitas*, Erasmo dá nova força e nitidez a sua significação, que acabou por atender a uma necessidade social da época. Publicada em 1530 na Basileia, tal obra não teria sido a primeira no que referiria se a temática de uma regulamentação do comportamento, mas ao atingir grande sucesso dá o pontapé inicial ao gênero impresso versando sobre civilidade. Conforme o historiador Roger Chartier (2004, p. 53), a obra de Erasmo demonstra marcadamente uma época em que instauravam-se novas exigências, frente ao recuo progressivo das regras tradicionais de uma vida cavalheiresca em contraponto a uma vida social mais densa onde há uma dependência mais fechada e pesada nas relações pessoais. Já Jacques Revel (1991, p. 174) aponta para a universalidade dos princípios, uma vez que Erasmo diz ser vergonhoso para pessoas bem nascidas não ter comportamentos adequados a seu nível, e aqueles que nascem em condição humilde devem empenhar-se na aquisição de boas maneiras de forma a compensar o que lhes havia sido recusado. Sendo assim ninguém poderia escolher as venturas de sua vida, mas é possível a todos obter boas maneiras que o qualifiquem.

Chartier (2004) nos lembra ainda que a civilidade, enquanto noção, perpassa um movimento duplo e contraditório: ao mesmo tempo em que passa a ser difundida em escalas cada vez maiores com vistas de uma instauração de modos de saber viver e saber ser na sociedade, passa também a receber críticas e sofrer desvalorizações dentre uma literatura elitista uma vez que os signos dessa parcela (ou seja, uma elite) acaba sendo divulgado ao ponto de ser desvelado de modo a fazê-las abandonar tal tradição simbólica de distinção. Importante ainda perceber, como tido em Chartier (2004), ressaltar-se que a trajetória da noção de civilidade, ao passar do tempo, vai se estreitando e enfraquecendo apesar das inúmeras

tentativas de reformulação. Afastando-se de um estatuto ético e cristão, a noção de civilidade passará a expressar uma aprendizagem e respeito quanto a “maneiras convenientes na vida das relações” (p. 89); exprimindo assim instaurações desejadas de coerções subjugantes.

O termo civilidade constitui um corpus de significados formado por diversos empregos de sua noção que está longe de ser delimitado sumariamente. Chartier (2004) propõe perceber a civilidade enquanto campo semântico aberto e movente, ao qual referir-se-ão noções “éticas (moral, virtude, honra), a designações sociais (corte/cortesão, povo/popular), a oposições fundadoras (público/privado)”. (p. 47). A moldagem social torna-se parte importante desse empreendimento civilizatório, uma vez que os movimentos corpóreos, a postura e a vestimenta verão em si refletidos os signos de caracterização tanto psicológica quanto de taxonomia social. O saber portar-se adequadamente é que irá por sua vez garantir então o reconhecimento do sujeito enquanto portador de civilidade e dessa forma garantir sua valoração para a sociedade.

No Brasil os manuais de civilidade/etiqueta remetem a vinda da Corte e com ela anseios de equiparação para com uma elite distinta, mais especificamente europeia. Conforme Rainho (1995), tais manuais apareciam através de anúncios em jornais descritos como se tratando de suportes imprescindíveis as pessoas que almejassem tratar-se como bem sucedidos na sociedade. Para Pechman (1999) os materiais como manuais de civilidade e etiqueta além dos jornais serão veículos fundamentais na difusão de maneiras de portar adequadas no que condizia a ansiedade frente as novas relações sociais que começavam a aparecer na sociedade brasileira. Uma vez preocupados com a difusão de “ensinamentos relativos ao comportamento social” (p.75) seriam tais materiais peças essenciais para a percepção “de como o comportamento pessoal e político se articulam” (p. 75); demonstrando assim que ao formar um individuo contido por discursos de civilidade acabava-se por constitui-lo de forma submissa a política. Sendo assim, no que concerne a civilidade Pechman (1999, p.75) demonstra que “ampliando o alcance desta prática, os manuais e a imprensa irão transformar a normatização dos grandes e pequenos detalhes da vida social cotidiana, num “projeto” de alcance muito mais amplo”.

Corroborar nesse sentido a análise de Sodré (1999) quando nos apresenta a história da imprensa como fazendo parte do desenvolvimento da sociedade capitalista, em se tratando de uma luta pelo controle dos meios de difusão de ideias que influenciam diretamente no comportamento da população, fato que resultaria em uma universalização de valores éticos e culturais, como no caso aqui estudado, gerando certa padronização que seria fundamental para os projetos de cidade e nação de desenvolverem.

O espaço dessa análise em específico encontra-se focado na cidade de Erechim, norte do Rio Grande do Sul. A cidade deriva da fundação da Colônia Erechim (topônimo originário do Kaingang que significa “campo pequeno”) em 6 de outubro de 1908 e abrangia grande parte do que seria a região noroeste do Rio Grande do Sul. Somente em 1918 Erechim é desmembrada e emancipa-se. A criação da Colônia é em grande parte influenciada pela construção da estrada de ferro que acaba por atrair grande número de pessoas para trabalhar em sua construção. Aí inicia-se o crescimento da região e conseqüente emancipação a nível de município das regiões que formavam a colônia.

De início Erechim foi nomeada Paiol Grande, adquirindo sucessivamente outras designações como Boa Vista, Boa Vista de Erechim, José Bonifácio e por fim Erechim. Uma característica marcante da cidade é justamente o fato de ter sido uma das primeiras a ter sua ocupação de terras planejada. Seu plano urbanístico foi elaborado pelo engenheiro civil Carlos Torres Gonçalves e tem como referência conceitual as cidades de Paris, Washington e Belo Horizonte.

Este trabalho pretende analisar duas publicações produzidas e veiculadas na cidade de Erechim: O Jornal *A Voz da Serra* e a *Revista de Erechim*, ambas editadas pela Livraria e Tipografia Modelo. O Jornal tem sua primeira publicação em 26 de outubro de 1929 e era chamado de *O Boavistente*. Nome dado ao jornal em função da sede do município chamar-se Boa Vista do Erechim, que mais tarde viria a se chamar *A Voz da Serra* com circulação até o ano de 2001. Já a *Revista de Erechim* surge em junho 1951, apresentando-se com desígnios de se tratar de um mensário ilustrado que abordaria assuntos sociais, intelectuais, artísticos e econômicos. O empreendimento de circular uma revista para a cidade de Erechim nessa época simbolizava o interesse de servir como elo para uma ligação regional, com o Rio Grande do Sul, e até mesmo sinalizar sua existência para o resto do país.

Buscava-se então um empreendimento que se equiparasse a Revista do Globo editada em Porto Alegre, para demonstrar que Erechim, que estava despontando como centro econômico da região, também se tratava de um importante centro cultural.

Tal empreendimento sinaliza sua importância se pensarmos que, à época, cidade valorizava e buscava as marcas de uma certa modernidade, já que detinha bons índices de crescimento econômico; sendo assim a editoração da Revista de Erechim, parecer estar ligada a um empreendimento político de reconhecimento social, já que Erechim despontava como polo econômico, político e social do Rio Grande do Sul.

As décadas de 1950 e 1960, como assinalam, Salerno e Cunha (2011), representam um momento de intensa efervescência e transformação cultural e social, no qual o crescimento e desenvolvimento urbano, aliado às inovações tecnológicas, criam um certo ambiente de modernidade. Principalmente em relação , às aspirações das elites e da imprensa, conforme Baptista e Abreu, em “apresentar um Brasil moderno, sintonizado com os avanços tecnológicos de um mundo que se reorganizava após a Primeira Guerra Mundial [...] a revista reflete as aspirações de um país que se preparava para uma nova era” (p.8 , 2010).

Segundo os autores citados, “as revistas de variedades surgem no Brasil, efetivamente, em 1849, com a publicação de *A Marmota da Corte*, periódico que abusa no uso das ilustrações como forma atrair leitores, inclusive os não alfabetizados pertencentes às classes abastadas” (p. 4, 2010). É nesse início do século XX que se dá o pontapé quanto a uma diversificação de publicações, acompanhando o crescimento da indústria, onde a fotografia terá lugar de destaque na composição de periódicos que irão por sua vez construir um mercado onde os veículos publicitários (mais especificamente revistas) passem a ser constituídos por uma pauta imagética de forma a atrair o olhar consumidor, instaurando um regime de visualidade onde a imagem é o veículo central na exposição de posturas educadoras na modelagem dos corpos.

O primeiro capítulo buscará situar a experiência da cidade enquanto local de civilidade e modernidade. Para tanto explanar-se-á desde os primórdios da demarcação de terras na região até a emancipação do município, tendo como motor do progresso a construção da estrada de ferro. Nesse percurso será demonstrado

também um importante quesito para a transformação da paisagem: o planejamento urbano criado por Carlos Torres Gonçalves onde as características do formato das ruas e sua organização eram celebradas por seu afã moderno, inspirado em grandes centros como Paris e Washington.

Sendo a década de 1930 uma particularidade essencial para a análise das transformações na paisagem urbana da cidade. Nessa temporalidade uma série de incêndios assolou a avenida principal causando enormes estragos, uma vez que predominava ali a arquitetura em madeira, contando somente com 3 edificações em alvenaria na cidade a este ponto; fazendo suscitar assim uma normativa por parte do prefeito Amintas Maciel que proibia a construção de instalações em madeira no perímetro central. Este fato tem trazido grandes contradições, uma vez que este seria dono da alvenaria de onde provinham os materiais para a construção dessa nova paisagem; outrossim apontam a hipótese criminosa dos incêndios, visto que as residências estariam todas seguradas, dessa forma forçando a modificação da paisagem.

Já o segundo capítulo aborda a questão do exercício da civilidade na espacialidade da cidade, mais especificamente como a formação e o pertencimento aos clubes sociais definiam as relações com e na cidade. Um fator importante nesse sentido é perceber como a civilidade se torna/ou opera como uma zona de fronteiras onde cada clube aceitaria um público selecionado (geralmente segmentado por etnias) tinha suas próprias regras para o pertencimento ao clube e conseqüente postura na sociedade, faziam seus próprios eventos e frequentavam determinados espaços na cidade.

Nesse viés ressalta-se a experiência do Clube Treze de Maio, clube criado devido ao preconceito das demais entidades (que por sua vez não aceitavam negros como membros) para contemplar esta parcela da população, tornando-se um espaço onde a civilidade terá papel central, pois se apostava na boa conduta como elemento de valorização e até de mudança das visões pejorativas antes a si atribuídas.

No terceiro capítulo serão abordadas as questões referentes ao corpo feminino enquanto local privilegiado dos discursos da civilidade. Dessa forma serão demonstradas através das diversas inserções nos suportes midiáticos analisados como tanto as imagens quanto o texto escrito apresentam uma pedagogia do ser

mulher, com regramentos para todas as áreas da vida como para todas as ocasiões, tais como beleza, saúde, moralidade sexualidade, profissão dentre outros.

Por conseguinte, pretende-se demonstrar como os conceitos de civilidade e modernidade operam de forma a criar uma rede de significações e operacionalizações que se estendem pela materialidade e espacialidade da cidade, perpassando dessa forma todos os aspectos aqui elencados como objeto de estudo, formando um panorama de acepções que constituirão a história da cidade.

2. A CONSTRUÇÃO DA CIDADE ENQUANTO LOCAL DE CIVILIDADE E MODERNIDADE

2.1 Primeiras aproximações: o lócus espacial

As terras denominadas pela região do Alto Uruguai tiveram sua demarcação de terras iniciadas à partir de 1904 em consonância com o início da mobilização da construção da ferrovia São Paulo – Rio Grande no ímpeto de ligação da região sul com o restante do país. Conforme Fünfgelt (2004, p. 21):

“de acordo com o plano do governo, na medida em que a ferrovia era implantada, a região seria progressivamente ocupada, e, cada estação daria origem a um novo povoado, trazendo os excedentes de imigrantes das antigas colônias, e evitando desse modo, que as áreas fossem tomadas por posseiros. Paralelamente, o órgão oficial do governo do Estado providenciava a divisão dos lotes rurais, o traçado das vilas, bem como o suporte necessário aos imigrantes”.

O marco inicial do povoado de Erechim foi instaurado em 15 de julho de 1909, onde atualmente se localiza o município de Getúlio Vargas; já a ocupação definitiva vai se dar em 1910 com as primeiras construções, tais como a Comissão de Terras, enfermaria, depósitos de materiais e barracões para hospedagem dos imigrantes que ali iam chegando (sendo que o primeiro registro aponta para a chegada de 4 casais com filhos e 8 solteiros; porém no mesmo ano a colônia iria atingir cerca de 226 pessoas dentre as etnias alemã, italiana, austríaca e francesa dentre outras).

Embora referências à população já existente na região sejam poucas, fora os relatos de expulsão das terras que passavam a ser reapropriadas pela colonização, Fünfgelt (2004, p. 24) afirma que a proporção destes era grande em termos da população geral, assim “a colônia Erechim continuava em pleno desenvolvimento e contava em 1913, com uma população de 18.000 habitantes, sendo que 10.000 desses eram imigrantes”.

Illa Font (1983) demonstra algumas impressões:

“ao chegarem, os colonos europeus e os migrantes das colônias velhas encontram aqueles antigos moradores, com suas capoeiras (áreas desmatadas), roças (plantações de milho, mandioca, feijão), extraindo e cancheando erva mate. Geralmente possuem pequenas criações de animais domésticos (porcos, aves, a vaca leiteira, terneiros) bois, cavalos e muares, pois o único meio de transporte existente é o lombo de burro, a carreta, a carrocinha. Na maioria são descendentes de paulistas, tais como os que a partir de Nonoai foram penetrando as zonas do Votouro e Erval Grande, ou vindos por outros caminhos se estabeleceram em lugares da costa do Erechim, do Cravo, do Bonito e outros. Entre estes há também alguns descendentes de alemães e italianos.” (p. 101)

Visto que a ocupação da região se dera muito antes da colonização oficial, deve-se lembrar que grande parte da população era formada pela presença indígena, descendentes dos bandeirantes, fugitivos da revolução de 1893, e até vindos do norte do país das obras da estrada de ferro Madeira Mamoré. Portanto, muito se tem de analisar os discursos que apresentam a figura do imigrante com centralidade nos processos de povoamento, também como as supostas relações amistosas entre os recém chegados e os grupos indígenas; temas estes ainda praticamente inexplorados na temática regional.

Nesse sentido, temos a constatação de Illa Font (1983) no sentido da frustração da colônia e relação às expectativas em termos do planejamento oficial, quando afirma que:

“Ao invés de servir a imigração de colonos e europeus para o rompimento e progressão ordenada do povoamento, verifica-se a colonização da quase totalidade da gleba devoluta do Estado por rio-grandenses de diferentes origens étnicas e procedências varias, em fluxos de migração interna que se faz paralelamente até 1913 quando, devido à guerra mundial, cessa por completo a imigração de países da Europa. Daí por diante somente chega à Colônia imigrantes poloneses e outros que já se encontravam no País.” (p. 11)

Muito nesse sentido pode ser visto, uma vez que tal migração espontânea dos próprios brasileiros para a região acaba por destinar “os recursos economizados por força de tal transição podem ser aplicados e obras públicas na própria Colônia” (ILLA FONT, 1893, p. 95). Quando da chegada dos imigrantes muito ainda achava-se em fase de implantação, e por esse fato cria-se a narrativa do progresso da região baseada na bravura e serviços dos recém chegados.

Em 1913, no próprio relatório de Severiano de Almeida, responsável pela demarcação das terras da região designado pela Comissão de Terras, aponta que:

“A sede denominada Paiol Grande, para a qual foi reservada vasta área de terras continua tendo algum desenvolvimento, sendo de lamentar que até a presente data, por ter sido encarregada a comissão discriminadora de terras, da medição e demarcação dos respectivos lotes, não possuía ainda esta Comissão, planta alguma da sede” (ILLA FONT, 1893, p. 109)

Desse fator advém outra preocupação que se fazia presente nessa ocasião: a ocupação irregular enquanto ainda não estivessem definidos os terrenos. Porém já em 1914, em novo relatório, Severiano de Almeida afirma o início dos trabalhos como demonstra Illa Font (1983):

“Excusado de dizer que tal retardamento em semelhante trabalho tem intensamente prejudicado o desenvolvimento dessa sede, que apesar disso continua prosperando. O fato de hoje haver ali 61 prédios edificadas é o

testemunho eloquente do que venho dizer, sendo de lamentar que por certas circunstâncias se perdessem dois anos na execução de um trabalho tão necessário, pois trata-se de um dos pontos de maior importância para o futuro da Colônia”. (P. 109 – 110)

Tal desenvolvimento apontado para a colônia exemplificava-se com o crescimento da produção agrícola, onde se dispunha de colheitas abundantes que davam conta da subsistência dos habitantes e novos imigrantes, e além disso a exportação de gêneros tais como erva-mate, batata-inglesa e feijão. Conforme Illa Font (1983)

As primeiras manifestações econômicas da Colônia emergem da agricultura, criação de animais domésticos (principalmente porcos) e indústrias da erva mate e madeira. Em cada povoado, inclusive no seio da selva, a cada passo que a colonização desfere, multiplicam-se as serrarias, primeiro para atendimento da demanda de madeiras para a construção de casas, depois para a exportação. (p. 113)

O próprio uso da madeira demonstra a elevação das exigências estéticas, onde se passou do uso da madeira bruta nas construções para a escolha de tratamentos específicos tais como aplainamento para obter dimensões mais uniformes e superfícies lisas para posterior recebimento de tinturas. Sendo assim as estações férreas da região acabam por ficar lotadas de pilhas de madeira esperando pelo embarque, ficando claro seu grande papel no quadro econômico, como aponta Illa Font (1983) que “no quadro de exportações da Colônia em 1914, a madeira aparece em primeiro lugar com 35%, seguindo-se-lhe a erva mate com 18, o milho com 14, a banha com 8 (o que revela a existência da indústria de produtos suínos) e o feijão com 7.” (p. 115)

Nesse panorama se dá o início das discussões em termos da relocação da sede da colônia Erechim (Getúlio Vargas) para Paiol Grande (atual Erechim). Fünfgelt (2004, p. 25) afirma que “o governo optou pela transferência da sede da colônia Erechim do Povoado Paiol Grande, por esse se localizar junto à estação da Viação Férrea, inaugurada em 1910, o que possibilita uma melhor administração da Colônia, e conseqüentemente desenvolvimento da mesma”.

Conforme apontado por Ernesto Cassol:

Erechim ficará como um dos exemplos mais significativos de impulso demográfico devido a colonização. É verdade que esta se realizou ao longo da via férrea Santa Maria-São Paulo, o que lhe permitiu escoar imediatamente os produtos agrícolas, facilidade excepcional na história das colônias Rio Grandenses. (1979, p. 134)

Nesse sentido, como símbolo da chegada do progresso a ferrovia torna-se o veio central da floração das cidades, uma vez que como assinala Illa Font (1983) esta cumpre seu papel de missão civilizadora, não só por tratar-se da artéria principal dos transportes que propiciaria a chegada e escoamento da produção, más também por ser responsável pelo tráfego de informações, mensagens telegráficas e postais.

O próprio discurso visual da cidade tem seu recorte totalmente influenciado pela ferrovia. Sendo ponto inicial e de partida da construção da cidade, as fotografias trazem sempre o recorte norte-sul, demonstrando de onde e para onde se expandiu a cidade.



Figura 1 Comparação da cidade a partir do núcleo inicial da ferrovia. Fonte: Álbum Fotográfico, 1999.

2.2 Um marco no início da transformação da paisagem

Dada a instalação da viação férrea ter acontecido em 1910, obviamente se deu a atração de pessoas buscando instalar moradia na região atraída pelas ligações estabelecidas pela viação nos diversos distritos. Os imigrantes que iam chegando a Vila Paiol Grande não tinham onde se instalar, para tanto foi erigido um barracão de madeira simples dividido em quartos e um salão para abrigo dos que se dirigiam à localidade; dessa forma havia um sentido de urgência no que tangia a implantação da nova sede, uma vez que mesmo da proibição de construção de novas edificações, já havia várias casas de madeiras dentre elas estabelecimentos comerciais com uma população de quase trezentas pessoas.

Para alocação dos recém chegados, ressalta Funfgelt (2004) que:

“Conforme o Decreto nº 313 de 4 de Julho de 1900, cada colono receberia a quantia de 25 hectares de terra para cultivo, além das ferramentas de trabalho; O imigrante, conforme mesma legislação, teria um prazo de até cinco anos para pagamento da dívida colonial originada do valor da aquisição das terras, e dos auxílios prestados pelo Estado, e, somando-se a isso, as multas cobradas por ocasionais atrasos nos referidos pagamentos.”
(p. 11)

Logo, o primeiro esboço da subdivisão dos lotes para a Colônia se dá em 1913.



Figura 2 Subdivisão da Colônia Erechim em lotes rurais, 1913. Fonte: Prefeitura Municipal de Erechim.

Nesse primeiro momento, demonstra-se a divisão dos lotes em medidas de 25 por 100 metros, “também ficam delimitadas na planta as áreas de floresta, as terras particulares, ocupadas por posseiros, e as terras para ocupação futura, como é o caso da nova sede da Colônia” (SKOWRONSKI, 2008, P. 34). Porém, com os índices econômicos ganhando destaque, a mudança da sede torna-se eminente.

Nesse sentido, o planejamento urbano da cidade foi concebido pelo engenheiro Carlos Torres Gonçalves em consonância as legislações de elaboração

de colônias do Estado, sendo que as diretrizes básicas do projeto obedeceram “os ideias positivistas, vigentes na época, e, visivelmente influenciado pelos conceitos de racionalidade e ordem, adotados a partir do urbanismo barroco, a exemplo da reforma urbana, efetuada por Haussman em Paris [...]” (Fünfgelt 2004, p. 27). Em conformidade, Skowronski afirma que:

A arquitetura que se queria implantada era a que refletisse os novos ideais modernos e utilizasse novas técnicas para demonstrar o progresso. A criação de grandes pavilhões, das estações ferroviárias e as próprias indústrias exigiram muito da engenharia e o uso do ferro e do vidro foi sendo disseminado. As estações de trem se tornaram monumentos de ferro e vidro com o relógio na fachada e se tornaram símbolos da modernidade. (2008, p. 102)

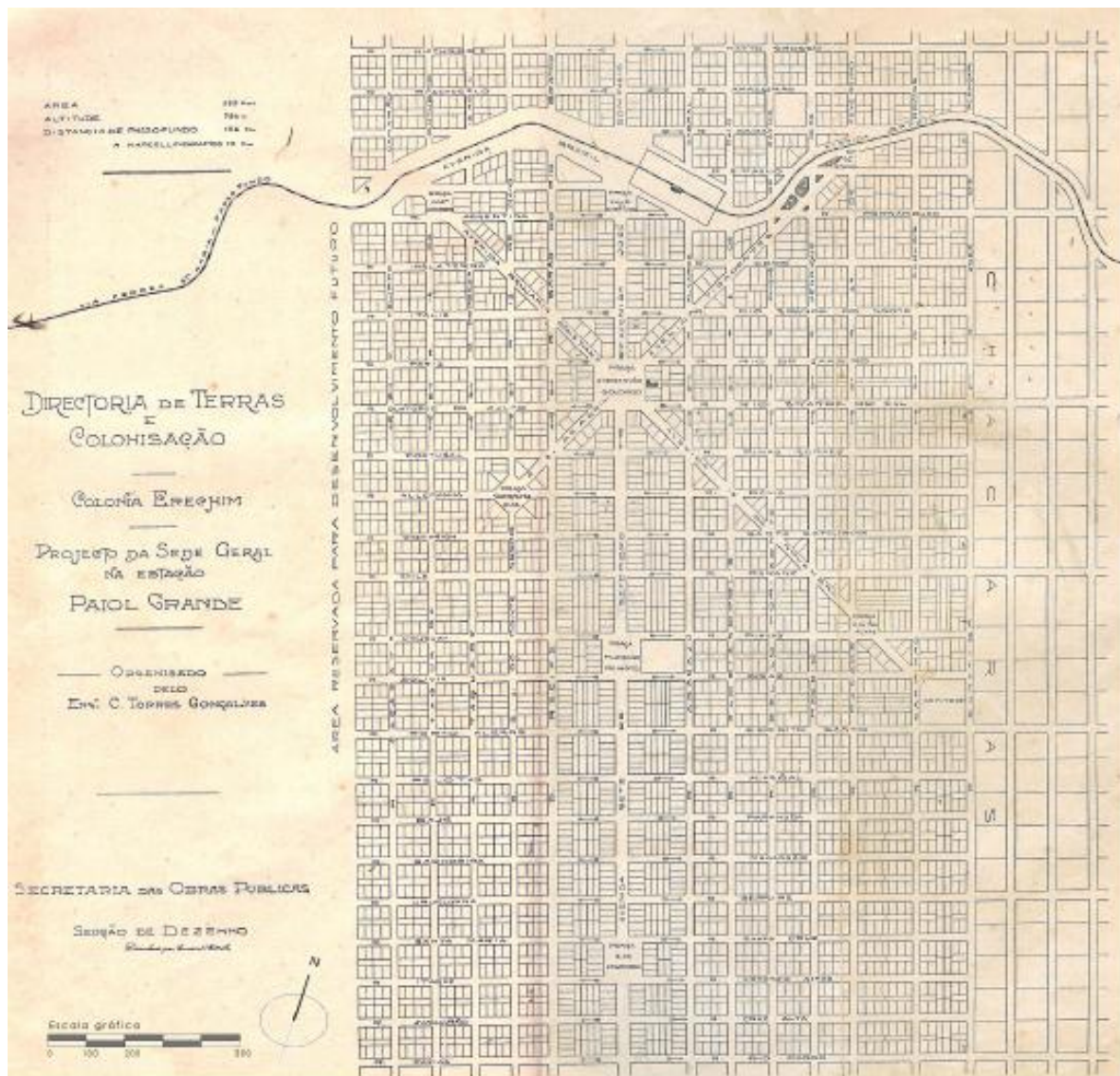


Figura 3 Projeto para Sede da Colônia Erechim. Carlos Torres Gonçalves. 1914. Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.

Corrobora nesse sentido, a colocação de Skowronski (2008) onde afirma que:

As características do planejamento moderno remetem principalmente ao plano viário executado desde os primórdios da história da cidade, o traçado xadrez, utilizado inclusive nas cidades fundadas na América pelos colonizadores. O Barroco deixou como herança as grandes avenidas diagonais que proporcionavam uma outra visão da rua e valorizavam a continuidade das fachadas. A necessidade de higienização, de assentamento da população, de absorção das novas atividades originadas pela industrialização foram sendo solucionadas pelos urbanistas do século XIX utilizando as principais características do urbanismo: remodelamento do traçado, criação de zonas de área verde, renovação da arquitetura com a inserção de novos materiais. (p. 91 – 92)

Grande parte dos discursos ressaltam sempre o fator inovador do planejamento urbano da cidade, e principalmente sua referência aos grandes centros tais como Paris e Washington. Conforme Pinheiro (2011, p 70) “considera-se que Paris, no século XVII, transforma-se no berço de uma revolução decisiva na urbanística, que se difunde pela Europa e América do Norte”, fato este que traria sua legitimação enquanto projeto a ser buscado e referendado nos anseios de modernização da cidade. Sendo que a principal comparação é tida na configuração das ruas com inspiração nos Arcos do Triunfo.

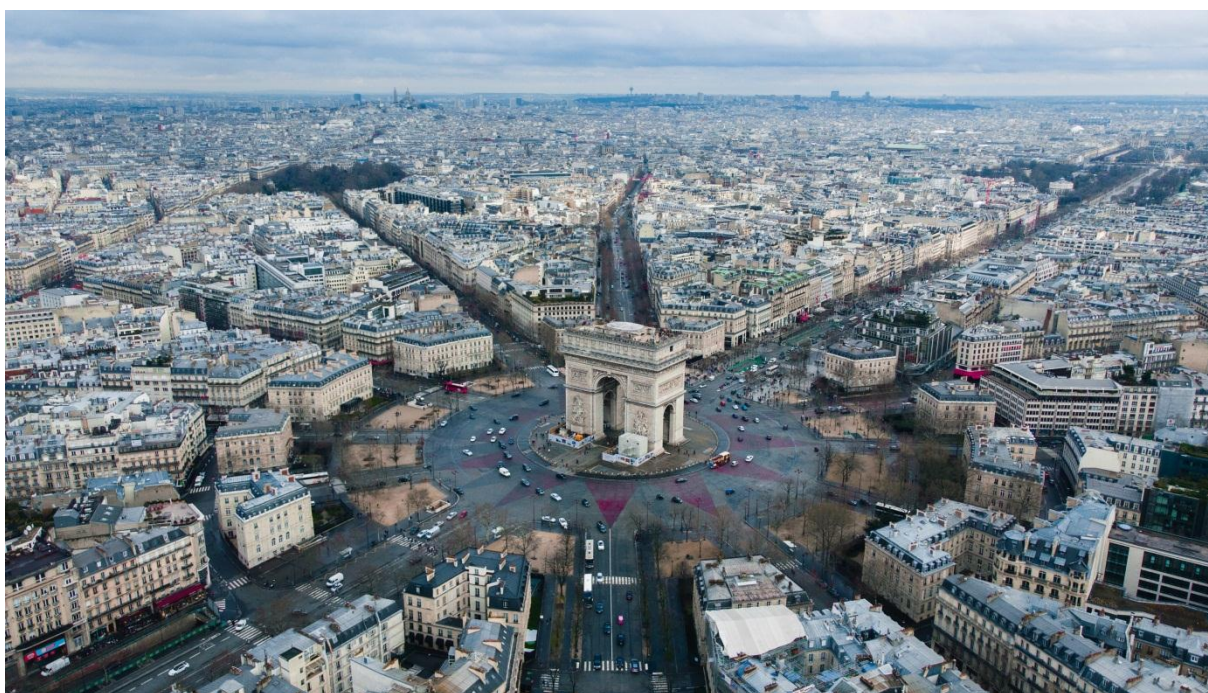


Figura 4 Arco do Triunfo. Foto BVJ Hostels Paris, demonstração de locais históricos para visitação.

Diante da prosperidade, em abril de 1918 a então Colônia Erechim se eleva de distrito à categoria de Município, tendo como sede a Vila Paiol Grande (atual

cidade de Erechim), que passa a ser chamada então de Vila Boa vista. Nesse ano da emancipação, a população do município contabilizava mais de 38.526 habitantes distribuídos entre as zonas rurais e urbanas, com mais de uma centena de edificações incluindo casas comerciais, igrejas, bancos e até um cinema datado de 1916.

Segundo Fünfgelt (2004, p. 35) “as edificações existentes na Vila eram em sua totalidade construídas em madeira, produto ainda abundante na região e, que tinha neste período grande importância na economia do Município, favorecendo o surgimento de atividades ligadas à extração e transformação, incluindo uma fábrica de vagões de trem”.

Novamente em 1938 houve nova redesignação e os distritos são elevados à categoria de vilas, e a cidade passa agora a ser denominada de José Bonifácio. Nesse mesmo ano, novas alterações são executadas para as delimitações das áreas urbanas e suburbanas.

Nesse projeto, vislumbra-se importante aspecto no sentido da criação e implantação de lotes destinados à famílias de baixa renda. Em consonância, Fünfgelt (2004, p. 43) demonstra que “já se verificava um contingente de pobres a serem assentados” sendo que o projeto recebeu o nome de “Chácaras para indigentes”. Do projeto idealizado desde a década de 1930, em 1956 é implantado nesse local o Loteamento Progresso, prevalecendo o ideal de destinação à população menos favorecida; sendo implantados na sequência mais alguns loteamentos de cunho “social” a área foi aos poucos invadida em seus arredores e se tornou hoje o contingente que forma os três bairros considerados a maior concentração de pobreza e marginalização da cidade.

2.3 Sobre uma história em cinzas: a particularidade dos incêndios

A década de 1930 tem uma particularidade especial no que tange às transformações na paisagem urbana da cidade. O prefeito nessa época, Dr. Amintas Maciel (hoje nome de rua importante no centro da cidade) programou normas a serem aplicadas na cidade no sentido de mudar sua feição em termos do desenvolvimento que a assolava em preocupação acerca do aspecto físico da cidade. Um dos primeiros e mais emblemáticos atos diz respeito à proibição de

construções de madeira no perímetro central, especificamente nas avenidas principais.



Figura 5 Vista da Avenida José Bonifácio. Primeiro incêndio em 08/11/1931. Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.

Na temporalidade do estabelecimento da normativa, haviam somente 3 edificações em alvenaria na cidade e ambas não estavam situadas na área delimitada. Coincidentemente (ou não), posteriormente à promulgação do ato do governo municipal, ocorreram incêndios consecutivos de proporções avassaladoras justamente na região abrangida pela lei. Conforme Fünfgelt (2004):

“devido à repetição dos incidentes em curto espaço de tempo, houve questionamentos em relação à natureza dos princípios dos incêndios. Alguns relatos dão conta de que as edificações destruídas pelos incêndios teriam sido seguradas. As despesas com o ocorrido ressarcidas, portando, seus proprietários poderiam reconstruir as edificações em alvenaria, uma vez que, de acordo com as novas normas, não poderiam mais reformar ou modificar as edificações em madeira. Desse modo, solucionariam os problemas criados com a nova legislação, e realizariam suas prtensões de se livrarem das casas antigas, substituindo-as por novas.” (P. 82-83).

Dessa forma, a avenida José Bonifácio (atual Avenida Mauricio Cardoso) foi apelida de Avenida Livonius, nome da seguradora da referida situação, em sugestão à possível ação criminosa dos acontecimentos.



Figura 6 Vista da Avenida José Bonifácio. Reorganização da cidade após o incêndio onde podem-se notar as casas de madeira que compunham as demais residências da avenida. 1931. Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.

Conforme Skowronski (2008) os incêndios (1931, 1932 e 1933) destruíram três dos seis quarteirões até então ocupados no período. Decorrente das modificações ocorridas sejam pelos incêndios sejam pelas inúmeras normas vigentes à respeito de um novo código para a cidade, Fünfgelt corrobora afirmando:

“as novas edificações eram construídas de acordo com a “tendência” da época, com fachadas bastante adornadas com frisos e sacadas de pequenas dimensões (balcões). O eclétismo, como foi denominado o estilo utilizado nestas edificações, marcou a arquitetura da cidade durante toda a década de 30. A arquitetura das novas edificações se adequou perfeitamente às regras estabelecidas pelo Código de Obras [...]”. (2004, p. 89)

Nesse âmbito, a constante especulação imobiliária em consonância com ações do Poder Público faziam com que a área central, já muito valorizada em termos da ousadia de seu planejamento, acaba compelindo a parcela menos favorecida da população para localidades mais distantes, fazendo com que aquela se torne cada vez mais o lugar de uma elite.

Em decorrência dessa acelerada e conflituosa mudança, Skowronski demonstra que:

A nova imagem da cidade a partir dos anos quarenta é resultado da composição do plano nos moldes do urbanismo moderno do início de século com a arquitetura eclética da década de trinta. Essa imagem revela a aceleração do processo de evolução urbana da cidade, pela mudança radical do conjunto edificado, na sua forma e em seu material, e pela aproximação das novas construções com os conceitos modernos que vinham sendo adotados em todo o país nesse período. Esse fato comprova que os incêndios foram os principais responsáveis pela imagem da cidade que hoje encontramos e que a torna um exemplo único no estudo das transformações urbanas, revelando em sua forma o momento em que o Brasil se encontrava na questão do planejamento urbano e da arquitetura internacional. Aline (2008, p. 35)

A década de 1940 marca a passagem das responsabilidades do Estado para o Município no que concerne à regulamentação referente aos lotes urbanos, dando um pontapé maior à transformação da cidade. Em 1944 a cidade adquire sua designação atual de Erechim. À partir dessa época a urbanização da cidade se intensifica, onde novas áreas começam a ser ocupadas e ao exemplo da década de 30 são implantados nas áreas suburbanas vilas operárias e populares.



Figura 7 Avenida José Bonifácio, 1930. Demonstração da arquitetura em madeira predominante na área central. Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.



Figura 8 Reformulação da paisagem da Avenida José Bonifácio com a arquitetura em alvenaria advinda dos atos regulamentadores e em decorrência dos incêndios. Década de 1940. Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.

Nesse âmbito de expansão horizontal, soma-se na década de 1950 a questão da verticalização da cidade. Onde a extensão máxima das 4 pavimentos passa à 15 pavimentos, sendo continuada na década de 80. Nesse sentido, com o crescimento aumentando e a falta de regulamentação efetiva a década de 70 iniciam-se as especulações em torno da criação de um plano diretor para a cidade.



Figura 9 Construção do Condomínio Erechim, primeiro edifício. 1957. Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.

Conforme Fünfgelt (2004, p. 53) “o desenvolvimento da cidade ficou por 68 anos regulamentado por um código de obras da década de 30, o qual, embora estabelecesse algumas regras, não conseguia atender a demanda do crescimento da população, nem estar em acordo com as novas tecnologias.”.

As elaborações do então plano diretor apontaram para um zoneamento das áreas da cidade por atividades, mesmo que este já ocorresse de modo espontâneo. A área central foi mantida como centro comercial, as indústrias foram implantadas próximas aos acessos rodoviários devido ao distrito industrial ainda não ter sido definido. Nessas discussões ressaltava-se outro quesito: a necessidade de ampliação do perímetro urbano, pois este tratava-se do mesmo estabelecido desde

a década de 30. Porém somente em 1977 a ampliação se torna realidade e classifica toda área antes considerada suburbana como urbana.

Já nos anos 90 então os esforços no sentido da verticalização da cidade se intensificam pela junção dos fatores da aprovação do novo plano diretor e da abertura de financiamentos por parte do governo federal, tornando-se assim o conhecido “boom” imobiliário ocorrido na cidade. Consequente, Fünfgelt demonstra que a metragem construída na cidade praticamente é duplicada nos anos 90 em comparação com os anos 80.



Figura 10 Vista aérea central, década de 1990. Fonte: Beto Hachmann.

Sendo assim, pode-se perceber claramente que a área central é o lócus da transformação da paisagem na cidade; muito disso decorre também em correspondência da área se tratar do núcleo inicial da ocupação, sendo a mais antiga em termos de ocupação com as moradias, comércio e encontros. Podendo traçar uma relação estabelecido-outsider, no que seria uma via a lá Norbert Elias, uma vez que se tornava o local prioritário do exercício da sociabilidade dos integrantes da população, e por sua vez se torna palco da expulsão dos novos chegados ou de diferentes classes sociais. Portanto, Fünfgelt assevera:

“como ponto de partida da cidade, a área central traz, representada nos seus signos e símbolos, a identidade cultural da sociedade que a construiu, representando, desse modo, os valores culturais e ideológicos dessa sociedade; sendo, portanto local de condensação da memória urbana da cidade.” (2004, p. 68)

3. O EXERCER DA CIVILIDADE NA ESPACIALIDADE CIDADINA: O PERTENCIMENTO AOS CLUBES SOCIAIS

3.1 Civilidade enquanto zona de fronteira na sociedade erechinense

O conceito de fronteira encerra debates complexos devido a polissemia de suas acepções. Pensar o conceito de território e fronteira requer inevitavelmente perceber que; enquanto parte de uma corrente de pensamento da geografia cultural, a abrangência de análise propiciada por tal conceito vai além do lugar-comum área-limite-circunscrição de poder para transformar-se em espaço do efêmero onde se podem depreender estratégias identitárias na construção do social.

Enquanto imprescindivelmente simbólicas, as fronteiras tornam-se marcos de referência que nos guiam na percepção do real. Conforme Pesavento (2002):

Fronteiras culturais remetem à vivência, às sociabilidades, às formas de pensar intercambiáveis, aos *ehtos*, valores, significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e ideias. Basicamente, a fronteira cultural aponta para forma pela qual os homens investem no mundo, conferindo sentidos de reconhecimento. (pag. 36)

Pensada também enquanto espaço de alteridade e ambiguidade a fronteira acaba por se tornar local de encontro e desencontro, de conflito e conciliação.

Desse modo podemos pensar uma transposição do conceito de fronteira, levando em consideração sua imbricada relação com o estabelecimento de identidades, em termos das distinções estabelecidas, na cidade de Erechim, do projeto urbano e organização de agremiações no que tange ao exercício da sociabilidade. Nesse sentido, torna-se de extrema importância analisar a criação e perceber como ocorria a operacionalidade dos preceitos de civilidade enquanto fronteiras de acesso aos espaços e reconhecimentos.

Importante consideração nos traz o Álbum do Cinquentenário, quando apresenta a matéria “Povo Cordial e Hospitaleiro: Gente educada” (p. 41). Nela, as inserções fotográficas dão conta de apresentar os vários aspectos da civilidade da cidade, exercidos principalmente nas ruas e praças.

Nela destaca-se especialmente o quesito educacional; onde “andando pela cidade, pode-se notar que a educação afluente de cada pessoa, desde o cuidado com a sua própria urbe até a maneira como se tratam” e mais especificamente ligado aos

clubes, no quesito do futebol, onde se apresenta o clima sadio da apreciação do esporte frente as barbáries que deste esporte pode advir.

Como cidade de grande diversidade étnica em sua formação, Erechim presenciou a formação de diversos clubes e agremiações culturais ao decorrer do tempo. Enquanto redutos de preservação das sociabilidades específicas, manutenção de tradições e laços parentais; cada etnia acabou por formar associações em torno de seus núcleos de convivência.

Pensar no surgimento dos clubes requer compreender que estes advêm dos momentos de distração e lazer organizados pela população. Conforme Ducatti Neto (1981) inicialmente:

Quando Paiol Grande nada mais era do que um pequeno aglomerado de casas, aos poucos habitantes que aqui viviam, em sua maioria funcionários públicos, comerciantes, pequenos industriais e trabalhadores de diversas categorias, nas horas de lazer divertiam-se com o jogo de bochas ou com as carreiras de cancha reta. As carreiras, principalmente, emocionavam a população que acorria em massa para junto das raias, aplaudindo e apostando nos seus cavalos preferidos. Igualmente, nos domingos e dias santos os colonizadores se reuniam em redor das canchas, assistindo e aplaudindo as equipes de jogadores que disputavam a honra da vitória no jogo de bochas. Mas enquanto que as corridas de cavalos são um esporte hoje desaparecido no interior do Estado, o jogo de bochas ainda continua mais organizado e atuante do que foi no passado. (p. 148)

Posteriormente a estes esportes, iniciou-se a saga dos clubes de futebol, que a partir de suas agremiações derivariam o aspecto social dos clubes.

No Álbum oficial do cinquentenário da cidade podemos encontrar matérias que buscam apresentar aspectos da sociedade, uma delas visa as “Entidades sociais recreativas e culturais”. Nela, diz-se que “orgulha-se Erechim de apresentar uma sociedade tipicamente metropolitana [...] Pelo visto dispõe os erechinenses de um numero de Sociedades, onde é intensa a vida social de seus associados, o que muito contribui para a unificação de sua gente” (p.36, 1968). Assevera-se ainda que, partindo das imagens e exemplos, os clubes tem destaque devido a suas modernas e amplas organizações, demonstrando certo bom gosto e requinte que só poderia advir de “uma sociedade de alto nível” (p. 36, 1968)

Os primeiros imigrantes alemães chegaram à cidade em 1912 e fundaram três sociedades. A primeira delas nasceu em 1914 e veio a ser chamada

primeiramente de “Deutscher Cabral”, passando aos desígnios de Club Germânia; esta possuía além de espaços e aparelhagem para ginástica e esportes, de uma biblioteca. A segunda vem a se chamar Concórdia, voltava especificamente à ginástica e a terceira por sua vez era formada por cantores chamando-se Waldesgruss.



Figura 11 Sociedade Waldes gruss. Álbum Fotográfico da História de Erechim, 1999.



Figura 12 Carnaval em 1932 no Clube Germania. Álbum Fotográfico da História de Erechim, 1999.

Por sua vez, nos idos de 1933, as três associações unem-se e formam a Sociedade Alemã Deutscher Verin (G.W.C.), que em virtude das exigências governamentais passa a ser a Sociedade Recreativa e Cultural Caixeiral. Para além destas, foi alemã a iniciativa da fundação da atual Sociedade Cultural 25 de julho (nome este devido a ser a data da chegada dos primeiros alemães ao Brasil em 1924) que posteriormente, em 1978 foi doado à prefeitura da cidade.



Figura 13 Prédio antigo do Centro Cultural 25 de Julho. 1955. Álbum Fotográfico da História de Erechim, 1999.

Já em se tratando dos poloneses, estes criaram em 1931 a Sociedade Polonesa Nikolaya Kopernica, que também passou pela mudança de designação devido ao decreto de nacionalização, vindo a ser Sociedade Rui Barbosa. Tal escolha era exemplificada em tom de homenagem, uma vez que tal figura prestava relevantes serviços à nação polonesa.

Conforme o Álbum Erechim: No coração do Mercosul, Delazeri (1999) demonstra que entre os principais objetivos da associação estavam “a manutenção de uma escola particular para o ensino do idioma e cultura poloneses, um curso de aperfeiçoamento de adultos, proteção à juventude, combate aos tóxicos e em especial ao álcool” (p.38)

Importante trabalho também era realizado na inclusão da terceira idade para manutenção da cultura, de modo a objetivar a busca de qualidade de vida; não somente trabalhando com habilidades domésticas (bordados, crochê ou tricô) mas visando a confraternização e a troca de experiências. Conforme Delazeri (1999)

O grupo deseja valorizar o registro de suas memórias e transmiti-las às novas gerações, dando continuidade a uma tradição cultural que remonta a séculos passados. Participa também de palestras com médicos, psicólogos, religiosos e promotores de saúde. Recreação e danças orientadas. Seminários e roteiros de viagem. Afora o intercâmbio com outros grupos de idosos da cidade.” (p. 38-39)

Além dessa iniciativa, são significativamente conhecidas ainda as ações do grupo com o Jupem, grupo de danças tradicionais; como também o CLP Centro de Língua e Cultura, projeto que objetiva o resgate e manutenção da divulgação da cultura e língua polonesa.

Quanto aos italianos, com intuito de servir ao assistencialismo para os associados, criou-se a Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Setembro em 20 de setembro de 1915. Passou em seguida a se chamar Società Italiana de Mutuo Soccorso Carlo Del Prete em homenagem ao aviador italiano. Com a nacionalização, passa a se designar Clube Esportivo e Recreativo Atlântico.

Iniciou-se como mútuo socorro para os imigrantes, que contribuía com quantias que pudessem, para que em horas de necessidade obtivessem ajuda de seus companheiros.



Figura 14 Primórdios do Clube Atlântico. Álbum Fotográfico da História de Erechim, 1999.

Em 1954 inicia-se uma fase mais voltada ao lazer e sociabilidade com a instalação de canchas de bocha e palcos para apresentações teatrais no salão de festa, sem falar nos jogos de cartas e bailes. Também, em reunião da sociedade; quando ainda se chamava Carlo Del Prete, é criado em 1935 o Clube do Comércio,

famoso e ainda atual clube da cidade onde realizam-se as mais diversas atividades recreativas para a sociedade.

Nessa onda, porém sem filiação a um grupo étnico específico foram criados dois clubes: o Ypiranga e o Clube Brasil. O primeiro em agosto de 1924, contava com local para bailes, e cedia espaço para as mais diversas atividades, tais como escolha de rainhas estudantis, realização de programas de rádio e inspeções de saúde. Já o segundo, fundado em 1938 estava situado no bairro Três Vendas (que na época era chamado de bairro industrial) e dentre as atividades nele presenciadas estavam os jogos de bocha e bolão, além de festas.



Figura 15 Primeira sede do Ypiranga Futebol Clube. Álbum Fotográfico da História de Erechim, 1999.

Conforme afirma Ducatti Neto sobre o Ypiranga, este “teve quatro sedes, sendo que a localizada á rua Osvaldo Aranha, atual rua Alemanha, nº 118, foi por duas vezes destruída por incêndio. Mas isto não desanimou os verdadeiros ipiranguistas e esta entidade ressurgiu cada vez mais coesa e mais forte” (ANO, p. 150)

Como grande parte dos documentos se perdeu nesses incêndios, restam então poucos elementos para traçar as atividades do clube. Porém pelas passagens na imprensa podemos ressaltar a grande efervescência enquanto local de aglutinação de grandes festas e eventos tais como casamentos, coroação de rainhas, carnavais dentre outros.



Figura 16 Bloco de Carnaval do Ypiranga Futebol Clube. Álbum Fotográfico da História de Erechim, 1999.

Notas Sociais Erechinenses

O Ipiranga F. C., como o faz todos os anos, realizou o tradicional Baile da Pelúcia, no dia 31 de maio p.p.

A noite da pelúcia, reuniu nos amplos salões de festa, do Ipiranga F. C. todo o quadro-social, que abrilhantou sobremaneira a reunião. O mau tempo reinante na noite do baile da Pelúcia, não foi fator para enfraquecer a presença dos associados, comparecendo inúmeras famílias que lotaram o recinto das danças. A orquestra do mestre Osvaldo Engel — Jazz Típica Ideal — comandou as danças, fazendo criar um ambiente de alegria e satisfação, em virtude das magistrais interpretações.

O baile prolongou-se até altas horas constituindo uma nota interessante, a realização de um concurso de vestidos no qual tomaram parte todas as damas presentes, que estavam trajadas de pelúcia. Ao som de um gostoso baião, os pares foram sendo julgados pela comissão encarregada, composta de diversas pessoas da sociedade erechinense. A seguir as damas fizeram uma volta ao redor da pista de dança, acompanhadas dos respectivos pares, que perfaziam um total de 26.

A Comissão Julgadora do mais bonito vestido do baile, depois de escolher os vencedores, anunciou a seguinte classificação:

- 1.º lugar — Sra. Ivete Mandelli;
- 2.º lugar — Sra. Lila Caleffi.
- 3.º lugar — Srta. Margot Sperb;
- 4.º lugar — Sra. Nair Tognoni.

Todas as quatro primeiras classificadas receberam valiosos prêmios, oferecidos pela Diretoria ipiranguista.



Vemos na foto acima a sra. Lila Caleffi, acompanhada de seu esposo, Dr. Angelo L. Caleffi, classificadas em 2.º lugar no concurso do Baile da Pelúcia, pelo seu vestido.

Figura 17 Notas sociais. Revista de Erechim. Maio/1951.

Como pode-se notar, cada clube organizava as atividades de acordo com seus calendários específicos e entre seus sócios, sendo que em momento algum se apresenta relato de que se tenha havido comunhão entre as entidades.

Em específico, encontram palco as situações de confronto e até rivalidade quando se colocam em evidência a questão do futebol. O futebol figurava entre um dos esportes mais valorizados enquanto atividade nos clubes, e mais especificamente enquanto estandarte que leva o nome da entidade ao conhecimento da população.

A mais evidenciada era tida entre Atlântico e Ipiranga.



Figura 18 Manchete de jogo entre Atlântico e Ypiranga. 1939. Arquivo Municipal Juarez Miguel IIIa Font.

Muito disso também ainda é relatado, como no próprio site do Clube Atlântico, que havia um certo clima de confronto advindo de situações de discriminação. Explana-se de tal forma que:

Desde sua fundação, a Sociedade sempre manteve as mais estreitas relações de civilidade, cordialidade e cooperação com os demais congêneres atuantes, bem como com os poderes administrativos e até com

partidos políticos de então. Relatos dos mais antigos moradores, no entanto, apontam muitos confrontos provocados pela discriminação.¹

Nesse sentido, percebe-se em especial tal condição quando passaremos a analisar o Esporte Clube Treze de Maio, que traz em seus relatos de motivação para a fundação o caráter da exclusão das atividades sociais da cidade.

3.2 A especificidade do Esporte Clube Treze de Maio

Tendo a sua formação de base positivista no que diz respeito a distribuição e configuração espacial, e valorização da presença do imigrante durante sua colonização, a historiografia oficial da cidade de Erechim deixa a atuação social do negro em segundo plano. Ainda que alguns autores apontem para a presença negra mesmo antes da fundação da cidade a bibliografia é diminuta. (SANTOS, 2014, p. 25)

A primeira experiência relativa à associação de negros na cidade de Erechim seria o “Salão da Sinhá Mariana” fundado por volta de 1947. Nele, fruto da necessidade de também formar e estreitar laços, só entravam pessoas com convite e os frequentadores deveriam seguir regras rígidas de convivência e conduta. Pessoas desconhecidas dos proprietários não poderiam participar nos bailes e matinés e o público era composto por maioria negra.

Inicia-se aí o movimento de organização, tal como decorreu-se entre os outros grupos étnicos que formavam a população erechinense, visando a criação de um espaço que viesse a simbolizar a confraternização e troca de vivências entre a população negra, acolhendo atividades culturais esportivas e de lazer.

Por sua vez, em 16 de dezembro de 1949 cria-se o Esporte Clube Treze de Maio. Segundo Santos (2015) “conforme a declaração de entrevistados, o espaço fez-se necessário devido ao preconceito racial, que os impedia de frequentar os demais espaços de sociabilidade existentes no município.” (p. 31, 2014). Tal fato exemplifica-se no depoimento de Margarete Fátima da Silva²:

¹ Disponível em: < <http://ceratlantico.com.br/nossa-historia/>>

² Margarete Fátima da Silva: depoimento [2014]. Entrevistadores: Débora Clasen de Paula e Fernanda Pomorski dos Santos. Erechim: UFFS, 2014. 1 CD sonoro. Entrevista concedida ao Projeto A presença negra em Erechim (1908-1960).

Uma sociedade mais fechada, com certeza. Esse ato, eu lembro muito bem que até inclusive os meus avós falavam que eles não tinham uma liberdade, eles iam se divertir aonde? Eles não podiam entrar nos clubes. Eles eram barrados. E aí a questão era o que eles iriam fazer? E aí buscaram auxilio e foram em busca de realmente fazer e consolidar um clube onde eles pudessem se divertir, seus filhos né, enfim os jovens, as pessoas pudessem se divertir. Foi disso.



Figura 19 Inauguração do Clube Treze de Maio. Acervo particular de Margarete Fátima da Silva. Apud Santos 2014.

Quanto às publicações no jornal, estas começam a ganhar destaque às matérias referentes ao clube a partir de 1951. Estas constam em sua maioria de notas referentes aos jogos de futebol, relato das comemorações ocorridas em seus espaços, tais como o festejo do aniversário do clube, realização do baile que coroou a rainha da primavera; e a construção da sede. Conforme Santos (2014):

É possível perceber diferentes épocas e momentos na trajetória do Esporte Clube Treze de Maio nas notícias que encontraram espaço no jornal local A voz da Serra. Estas "etapas" podem ser divididas em três, sendo que a primeira pode ser tratada como a etapa "do futebol", pois até novembro de 1951 as únicas citações referentes ao clube estão ligadas ao futebol de várzea. A segunda etapa pode ser classificada como a "das festas", de

dezembro de 1951 até 1954 neste momento o Clube encontra espaço nos jornais através da divulgação das festas que realiza e que são "famosas" na cidade. E, finalmente, a terceira etapa, a sede, em 1955 e 1956 a construção da sede ganha destaque. Após este período as notícias são cada vez mais escassas, até cessarem por completo (p. 32)

Um dos fatores da presença em menores números da população negra na imprensa decorre, provavelmente, do pertencimento dos meios impressos estar em mãos de uma família branca e de imigrantes. Em específico pelas narrativas que se consolidaram de um elogio do imigrante branco enquanto trabalhador que construiu a cidade a partir de seus esforços, negligenciando a presença dos povos que já ali se encontravam.

O futebol em específico, sagrou-se como elemento central na cruzada do clube na busca por aceitação e reconhecimento. Era através dele que se davam as aproximações com os outros clubes, e a própria inserção no convívio social que se via dificultado pelo preconceito.



Figura 20 Equipe de futebol do Treze de maio. Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font. 1952/1953.

Em se tratando do estudo de clubes, o estatuto trata-se de um instrumento essencial de análise, é através dele que pode-se delinear as estruturas de

funcionamento da entidade. No caso específico do Treze de Maio, o que chama a atenção é justamente o caráter rígido das obrigações aos participantes no tocante às questões comportamentais.

As seleções para futuros sócios prezava a boa conduta. Tratava-se de um clube de pessoas “honestas” e de “vida operosa”, que tivesse como base o respeito mútuo para com os demais associados além de boa educação e que não fossem promotores de desordem. Como afirma SANTOS (2014) “através do trabalho, os negros buscam fugir da imagem pejorativa que lhes é atribuída, procurando uma valorização do grupo.” (p. 47, 2014)

Em seus estudos, Pereira (2008) demonstra ser importante atentar para a espacialidade ocupada por esta população. A maior parte da totalidade das famílias negras residiam nos bairros Matadouro (atual progresso) ou na Vila Operaria (região da atual Avenida Farrapos). Sem muito esforço, ao batermos os olhos no mapa da cidade, podemos perceber que estas regiões estão à margem do planejamento inicial da cidade, ou seja, faziam parte das zonas periféricas da cidade.



Figura 21 Festa Caipira no Esporte Clube Treze de Maio. Arquivo Histórico Juarez Miguel IIIa Font. 1954.

Segundo o Artigo 19º, que tratava das exigências para o tornar-se sócio, os futuros candidatos deveriam ter mais de 15 anos e apresentar proposta de intenção através de algum membro do clube; de forma a estabelecer uma rede de confiança

desde o início, onde o sócio atestaria a boa conduta do aspirante e se tornaria de certo modo responsável por este. As propostas contavam de dados tais como nome e sobrenome, profissão, nacionalidade, estado civil e residência. Por sua vez eram analisadas por membros da diretoria e comunicadas ao candidato.

Outra parte importante da estrutura do clube era a Ala feminina. As atas que continham relatos desta demonstravam a preocupação quanto ao bom comportamento dos sócios, especialmente das mulheres, assim por sua vez demonstrando a importância dada pela imagem que iria se passar dos integrantes. Conforme Santos (2014):

As regras de comportamento eram rígidas principalmente com as mulheres. Caso alguma das frequentadoras passasse do limite considerado aceitável poderia ser repreendida pela representante da Ala Feminina. Conforme relatos, era comum as mulheres que compunham a Ala Feminina ficarem "de olho" no comportamento das moças durante os bailes. Caso julgassem necessário poderiam tomar atitudes repreensivas. (pag. 48)

Assim, os namoros tinham vigilância constante, e principalmente centrada na figura da mulher. Muito disso advinha do que assevera Gomes (2008) que era necessário destituir os estereótipos que relacionavam e classificavam os negros como "assaltantes, prostitutas, assassinos, bêbados, desordeiros, bruxos, agressores" (Pag. 118). Assim, tais ideias eram combatidas em termos do bom comportamento dos sócios.

Apesar de não constar no estatuto do clube, a Ala Feminina estava envolvida diariamente nas atividades. Santos assinala que:

Nas atas escritas por estas sócias percebe-se quão variadas e importantes eram suas atividades. Geralmente elas agiam atrás das cortinas deixando o palco para os homens do Clube. À elas estava destinado atividades como decoração das festas, o trabalho na cozinha, a organização de "soirée", a compra de material para o Clube (copos, cinzeiros, vasos), a limpeza após as festas e a venda de doces para arrecadar fundos para o caixa do Clube. Sendo assim, o funcionamento interno do Clube estava nas mãos das mulheres, cabendo a elas a função de arrecadar dinheiro por meio da venda de seus bolos e também de almoços com pratos típicos (2014, pag. 51).

Dessa forma fica clara a efervescência e importância da análise dos clubes enquanto espaço primordial do funcionamento e estabelecimentos de redes de convivência dentro da cidade, das trocas simbólicas e culturais, e mais para o estabelecimento da cidade enquanto moderna sob auspícios do progresso.

4. O CORPO FEMININO ENQUANTO ESPAÇO PRIVILEGIADO DOS DISCURSOS DE CIVILIDADE

Ao estatuto biológico da mulher, estava sempre associado outro, moral e metafísico. Mary Del Priore

Analisar a temporalidade das décadas de 1950 e 1960 requer indiscutivelmente perceber a gama de profundas mudanças no que concerne a imprensa, visto mais especificamente que o segmento de revistas terá de disputar mercado com a televisão que, naquele momento, vinha apresentando acréscimos substanciais de audiência. Com isso, a reprodução de imagens ganha uma nova velocidade e acaba ocasionando perdas de espaço significativas às revistas semanais.

Por outro lado, é também nessa época que o segmento revista se consagra enquanto veículo publicitário de excelência quanto a propaganda, em sintonia com o crescimento industrial cria-se um novo conceito: as revistas vitrines, que passarão a se voltar para o atendimento de públicos e necessidades específicas, trazendo assim uma segmentação para atender a todos os setores e interesses do público. A visão de mercado sob o viés editorial traz a tona a subdivisão dentre as categorias já existentes nos periódicos: se passará para além de revistas masculinas ou femininas, histórias infantis, em quadrinhos ou fotonovelas. Surgirão assim revistas voltadas para cada nicho de mercado, tais como o setor automobilístico, para moda, casa, cozinha, construção dentre outros.

Advinda dessa diversificação que perpassou o setor, vai ficar cada vez mais claro que a departamentalização foi passo importante pra o quesito da divulgação e circulação das civilidades. Cunha (2006) aponta que após a segunda metade do século XX pode se perceber uma larga difusão de materiais imagética e textualmente corroborativos acerca de uma normatização de comportamentos, mas não especificamente identificados sob o desígnio de manuais. Justificando-se dessa forma, a ampla inserção dessa pauta na imprensa, de forma que, como afirma Fornazari (2001):

Se na Idade Média, Erasmo de Rotterdam delimitou toda uma faixa acerca da conduta humana, contemplando as principais situações da vida social e de convívio, no século XX, as revistas, tanto femininas quanto de variedades, traziam normas que promoviam um devir desejado, idealizado, destinado principalmente às mulheres. (p. 65)

Nas publicações que aqui foram utilizadas para análise, o Jornal A Voz da Serra e a Revista de Erechim, por se tratarem de empreendimentos trazidos a luz pela mesma Editora e Livraria, a maior parte das seções e colunas podem ser encontradas em ambas edições. Embora cada impresso tenha suas particularidades, os discursos andam geralmente em mesmo sentido. No que concerne a Revista de Erechim, tem-se mais especificamente uma publicação que incumbir-se-ia de retratar e efervescência social da cidade investindo especialmente em publicações imagéticas: fotos e/de acontecimentos sociais marcantes, de maneira a instaurar um veículo para ver e ser visto.

De tal maneira que, para noticiar o aparecimento da revista, lançou-se nas páginas do jornal um concurso que determinaria o nome da publicação. O resultado vem à tona no dia 25 de fevereiro de 1951; onde ainda ressaltava-se a natureza da revista como reflexo das atividades de destaque na cidade.

Uma Revista para Erechim

Conforme vínhamos noticiando, dentro de breve tempo, a Tipografia Modelo lançará à publicidade uma revista ilustrada, a qual será um reflexo das atividades culturais, sociais, econômicas e artísticas da Capital do Trigo.

Nêste sentido foi por nós aberto um concurso entre os nossos leitores, a fim de que fosse sorteado um título para a nova publicação, que será um mensário.

Concorreram ao concurso 577 leitores, apresentando sugestivos títulos para a revista.

Por unanimidade foi aceito o título "Revista de Erechim", apresentado pela direção da revista.

Agradecemos a quantos concorreram para que fosse objetivado o nosso desejo, isto é, de dar à nova publicação um nome que a definisse como expoente dos interesses culturais e artísticos de Erechim.

Figura 22 Matéria Uma revista para Erechim. Jornal A voz da Serra, 25/02/1951.

Grande parte da novidade que era esperada com a revista residia em seu caráter ilustrado, visto que no jornal as imagens eram veiculadas em pequena quantidade e com qualidade ainda rudimentar; principalmente se levarmos em conta o caráter de inovação que era esperado para a região que estava se colocando em lugares de comparação com grandes cidades pela modernização crescente e ainda mais buscada para a cidade.

Seguindo essas proposições, as imagens por sua vez carregam certa pedagogia, visto que se tornam formas de ensinamento quanto a pensar, agir e estar referente às coisas do mundo. Sem contar que estas se tornariam palco principal para o demonstrativo da civilidade na cidade no veículo que surgia, e mais eram símbolos de uma duplicidade: ao mesmo tempo em que serviam de estandarte do comportamento e posturas civilizadas em uma cidade moderna, são também demonstrativos do modelo a ser esquadrihado e adotado para estar incluído no circuito de atividades de destaque da cidade.

. Esse caráter da imagem de instigar o leitor é visto mais especificamente quando se tratam das capas dos impressos, de modo que o texto aliado à disposição imagética nos façam adquirir interesse instantâneo em conhecer seu conteúdo. Nesse sentido, Cunha (1999) argumenta que:

As imagens que estampam as capas dos livros podem ser decifradas como um conjunto de signos, como um suporte para representações ideológicas; a linguagem dos títulos aguça a imaginação e faz pensar no seu conteúdo, e a linguagem das disposições tipográficas pode dar uma organização mais ou menos clara à leitura. Isso nunca escapa aos leitores. (p. 51)

No caso da Revista de Erechim, esse fator não deixa de estar presente, sendo as capas o primeiro elemento a clamar aos olhares; onde em cada edição a capa compõe-se de uma fotografia de uma figura feminina de destaque: desde bebês, crianças até célebres moças cidadinas. Tanto pelos anúncios quanto pelas legendas, havia muito interesse em apresentar tais moças à sociedade. Trago agora, algumas destas capas.

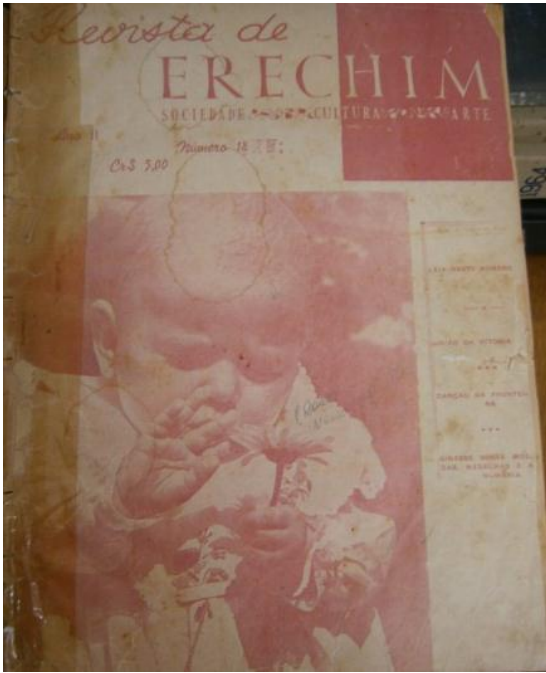


Figura 23 Capa da edição nº 18

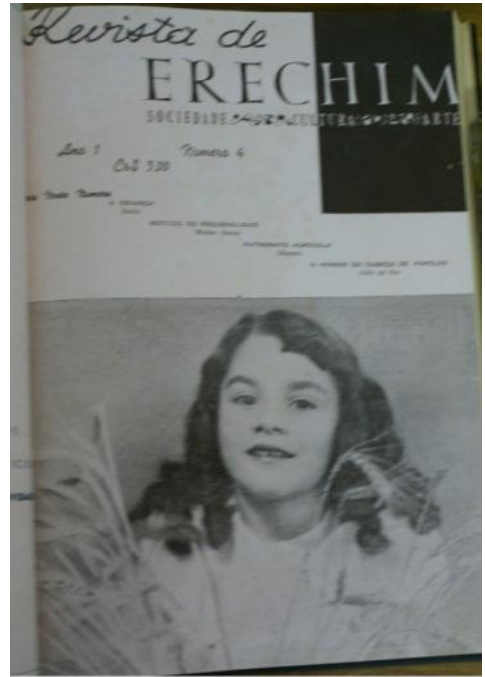


Figura 24 Capa da edição nº 4



Figura 25 Capa da edição 5/6



Figura 26 Capa da 1ª edição

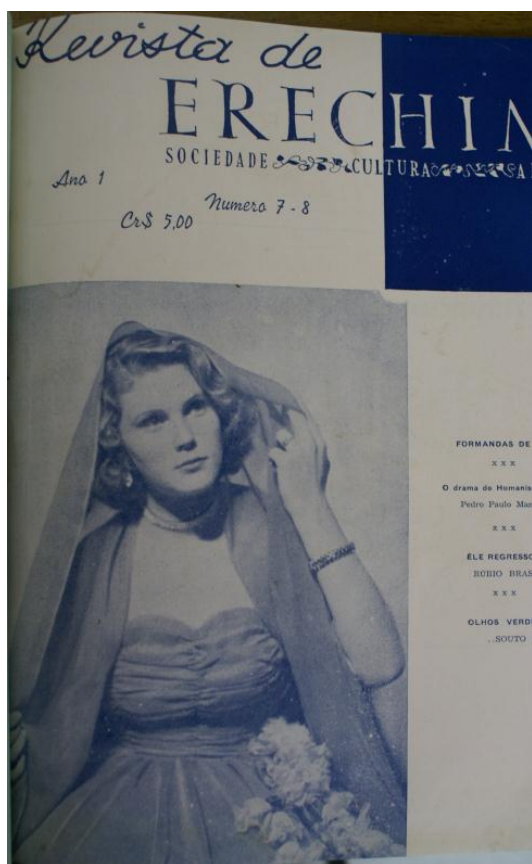


Figura 27 Capa da edição 7/8



Figura 28 Capa da edição 20/21

Nessas poucas imagens podemos perceber já um discurso cronológico acerca do corpo feminino. A criança amável (figura 1 e 2) vai se tornar a debutante (figura 3), moça exemplar (figuras 4 e 5) para depois vir a ser a esposa ideal (figura 6); demonstrando assim um ordenamento. Sendo que tal escolha de numerosas imagens da mulher denota uma preocupação muito viva com a definição dos papéis femininos (PEDRO, 2006, p. 283).

Como sempre a primeira imagem que temos de um livro é quase imediatamente sua apresentação externa, assim tais publicações eram pensadas de modo a impressionar os leitores ao primeiro olhar. Embora em suas especificações a revista não seja declarada como tendo seu público específico a mulher, podemos perceber que a maioria das imagens e discursos são voltados para o público feminino, enquanto os temas econômicos e políticos eram encontrados em grandes quantidades nas edições do jornal, que tinham sua circulação em massa entre o público masculino.

Conforme demonstra CUNHA (1999) o olhar voltado às capas e sua articulação com o próprio discurso veiculado faz parte de um ímpeto de análise que busca compreender como determinados dispositivos (imagéticos e discursivos) funcionaram para uma educação das sensibilidades de leitores, criando imaginários.

Ambos os impressos tem ainda importantes contribuições no que concerne a publicidade. As inserções publicitárias apresentam definições claras quanto a gênero: para as mulheres encontram-se anúncios sobre costura, vestuário, produtos para o lar e para os homens alfaiatarias, cigarros, automóveis e máquinas. Os textos trazem frases e até pequenos textos que esclarecem e reforçam papéis e até mesmo ditam formas de ação.



Figura 29 e 30 Propagandas. A Voz da Serra. 21 de junho de 1952.

A imprensa, como podemos observar no caso da Revista de Erechim, parece promover a divulgação de modelos de comportamento, veiculando-se a uma espécie de projeto civilizador pretendido de forma a auxiliar na construção de imagens idealizadas para a sociedade. Segundo Pedro (2006):

Os jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais da mulher como boas mães, virtuosas, esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário ocidental, podiam ser encontrados na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais. (p. 281)

Ainda na década de 50 cresce a participação feminina no mercado de trabalho, exigindo certa qualificação, sendo que “essa tendência demandou uma maior escolaridade feminina e provocou, sem dúvida, mudanças no status social das mulheres” (PINSKY, 2006, p. 624)

Sendo o magistério o curso considerado mais próximo da função “mãe” era um dos mais procurados pelas moças, mas como ressalta PINSKY (2006) “não significava sequer que todas as estudantes fossem exercer a profissão ao se formarem, pois muitas contentavam-se apenas com o prestígio do diploma e a chamada “cultura geral” adquirida na escola normal” (p. 625).



Figura 31 Apresentação das concluintes do magistério. Revista de Erechim, nº 1 de 1951.

As matérias apresentadas, tanto no jornal quanto na revista, trataram a cerimônia de entrega dos certificados às moças como de grande destaque para a sociedade erechinense. Na revista mais especificamente, vemos as fotografias das

concluintes estampando o momento de tamanha felicidade, porém pelo texto podemos perceber que das 24 moças à receber o diploma, somente uma porcentagem muito pequena teve suas fotos publicadas na matéria. Esse fato pode indicar também, que mesmo tendo acesso á educação, nem todas tinham acesso facilitado às publicações, que se vê estampado claramente pelos sobrenomes mais nobres e conhecidos da cidade nas fotografias que compunham o quadro da matéria.

Fato esse que pode ser exemplificado pelo apelo que veiculavam-se nas páginas do jornal, tanto como percebido pela cronologia dos volumes da revista que não seguiram, durante sua duração, os intervalos de tempo designados do início de seu surgimento.

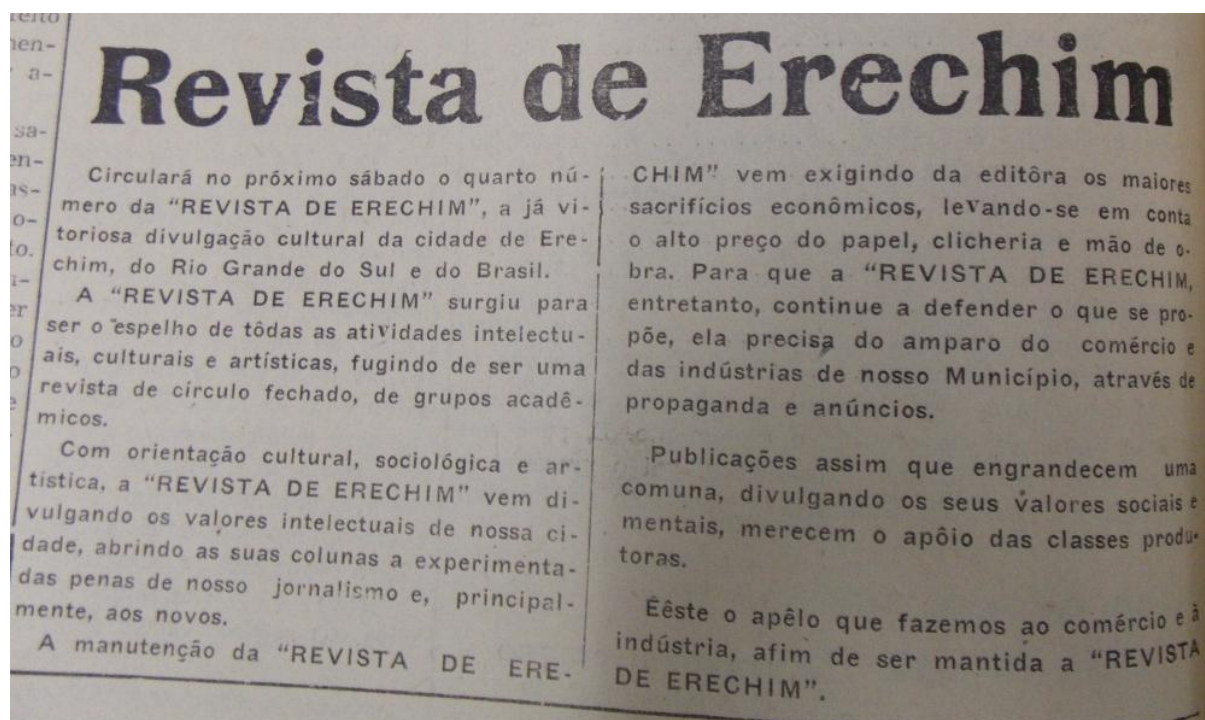


Figura 32 Anúncio da criação da Revista Erechim. Jornal A Voz da Serra. 17 de outubro de 1951

A região sul, em sua especificidade da predominância de ideais positivistas acabou gerando certa repetição de discursos homogeneizadores referentes aos papéis femininos, de modo que, como afirma Pedro (2006):

identificou a mulher como tendo uma natureza complementar a do homem, apresentando uma diferença que justificava sua educação específica. Mesmo assim significaram um certo avanço, pois recomendavam a educação das mulheres, já que como mães eram as responsáveis pela construção dos "homens do amanhã" – coisa rara até então. (p. 298)

Nesse ímpeto, PINSKY corrobora demonstrando que nessa época, todas “as revistas femininas da época fizeram eco a essas preocupações, aconselharam e apelaram para que as mulheres que exerciam atividades fora do lar não descuidassem da aparência ou da reputação pessoal e soubessem manter-se femininas” (2006, p. 624)

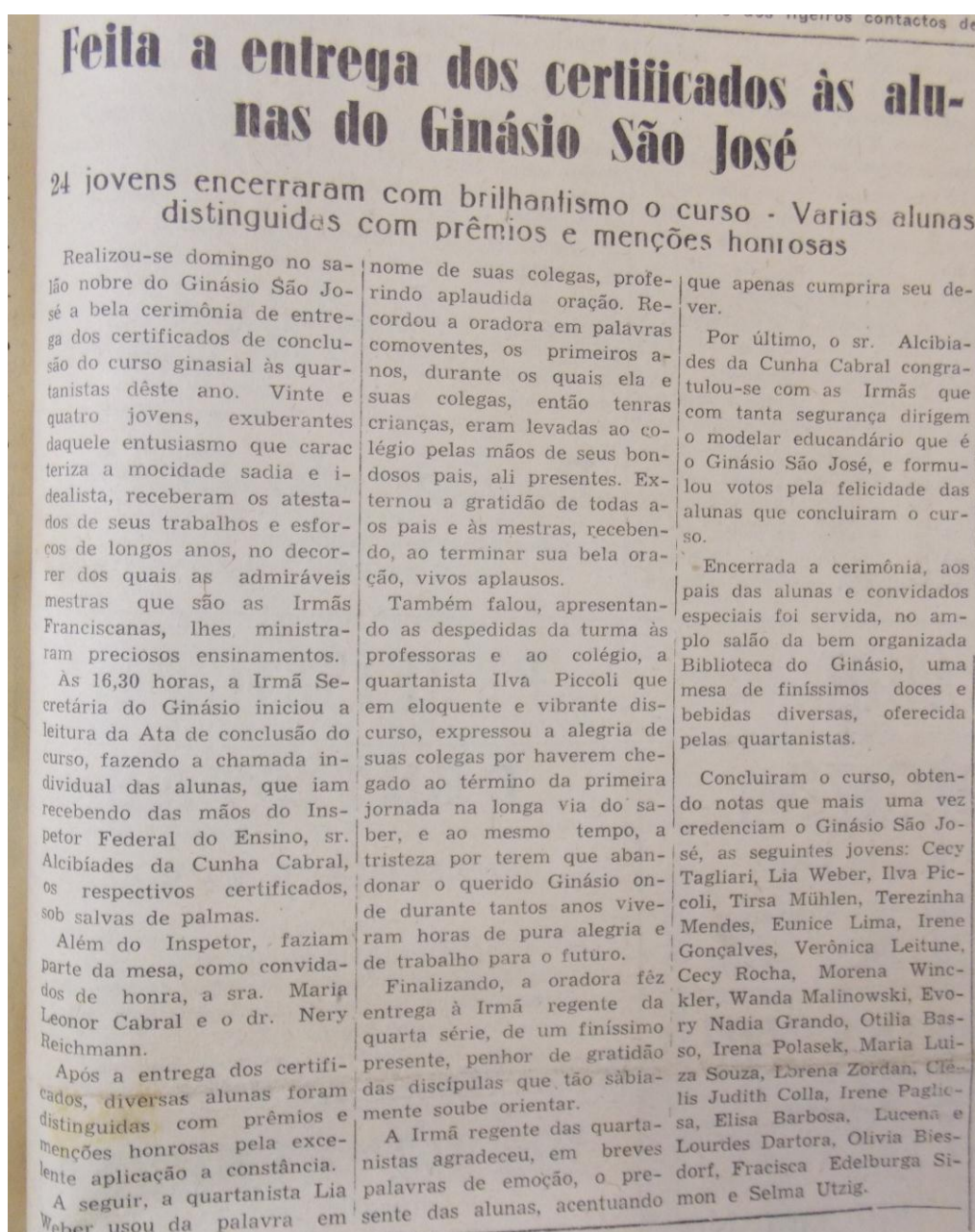


Figura 33 Entrega dos certificados. Jornal a voz da serra 14 de agosto de 1951

Nos textos, reforçavam-se os elogios e complementos no sentido de se tratar de uma “mocidade sadia e idealista”, reforçando os esforços das meninas na

conquista alcançada, além de salientar o Ginásio enquanto instituição modelar de ensino.

Ainda podemos encontrar nas páginas do Jornal, notícias referentes aos bailes de debutantes, que no mesmo sentido da apresentação das concluintes do curso ginásial, vem apresentar as moças a sociedade, tratando-as em tom poético como flores que desabrocham para a “nova fase” de sua vida.

Um acontecimento social de relevo

“Sonha o teu sonho de - Menina e Moça”

Um acontecimento social dos mais brilhantes será, sem dúvida, o Baile das Debutantes, que pela primeira vez será efetuado em nossa cidade, por iniciativa da vibrante classe estudantil erechinense, com a colaboração espontânea de diversos estabelecimentos comerciais e entidades locais, como Foto-Studio Tomazoni, Casa Três Amigos, José Sponchiado, Exclusivistas Renner, Casa Matone, Farmácia Corradi, Farmácia Brasil, Casa Guaspari, Farmácia Minerva, Casa Alegrette, Relojoaria Ome-

ga, Casa Americana, Farmácia Erechim e A Teclândia.

Tudo faz prever, portanto, que o êxito do baile programado será absoluto. O entusiasmo que se caracteriza os jovens, atinge ao auge, à medida que se aproxima o dia 28.

Na idade aureolada com lampejos de manhãs limpidas e matizada com sorrisos de cristal, as iniciativas revestem-se de contornos especiais. Há nelas o despertar, a revelação de fases novas de personalidades que se aperfeiçoam. Há o encanto pela *novidade*. Há o fascínio da *revelação*. O desenvolvimento, espiritual e físico descortina novos mundos. Há surpresas. Impulsos que despertam. E turbilho nam sonhos... Nas jovens, a delicadeza do poeta assim a definiu... “é quando a estrela expira e rompe a aurora — um prelúdio nos leques da palmeira”. E na encantadora festa social em que elas serão apresentadas à sociedade, haverá toda esta sua avidade de sonho, e esta graça envolvente, assim como flores orvalhadas que desabrocham para receber as carícias do sol. Elas lá estarão. A festa para elas será um deslumbramento e para todos um enlevo, porque: “Ama-se o canto, — se elas são as aves... Ama-se a valsa, — se elas são falenas...”

Figura 34 Matéria Um acontecimento social de Relevo. 14 de julho de 1951

Tal inserção de conselhos e imagens predominantemente do e para o público feminino nos jornais e revistas deixa transparecer um certo ideal pedagógico que aliado aos discursos presentes nas publicações, propõem um investimento em si

através daquele modelo. Em sua investigação, Maria Bernadete Ramos Flores (2007) afirma que “[...] a representação, em si performatizadora do modelo a ser copiado, imitado, reproduzido em massa, supõe que o modelo ideal representado obedeça a um cânone estético que corresponda ao ideal político e racial da nação” (p. 33). Essa circularidade dos conselhos, compreendidos como uma padronização civilizatória, no exercício do convívio social, se torna um ritual das práticas prescritas por lugares autorizados.

Ainda nesse sentido, perpassando tanto o jornal quanto a revista, tem-se a coluna “Conselhos de Beleza”. Esta era trazida a público pelas letras do médico Dr. Pires, que era citado após as colunas como sendo um especialista do Rio de Janeiro, ao qual poderiam ser endereçadas cartas com a finalidade de ver respondidas as dúvidas que possa haver entre a população.

Nesse espaço eram abordadas temáticas de cunho relativo à saúde, geralmente trazidas em forma de conselhos, onde se apresentavam as questões com seus prós e contras, dicas de como ela deve ser tratada. A emergência de uma coluna, presente massivamente nas edições dessa imprensa, em que predominavam a presença de assuntos relativos a saúde, e principalmente, que sempre alegaram a maneira que se deveria dar andamento a tais questões de forma a manter uma aparência/comportamento aceito socialmente.

Essa circularidade/permanência dos conselhos nesse sentido de uma padronização civilizatória pode ser lida no encontro do que afirma Flores (2007) quanto a uma bio-política de clones, onde se instauram tipos/modelos ideais a serem alcançados e seguidos no exercício do convívio social.

Conselhos de beleza

Verrugas e cancer

DR. PIRES

As verrugas são sempre desgraciosas, sobretudo quando se notam em lugares visíveis como no rosto e nas mãos. Há algumas delas que se tornam, por sua localização, verdadeiros impecilhos ao andar, barbear-se ou vestir-se.

No geral as verrugas têm a forma redonda, mas também, podem apresentar-se sob outro aspecto.

As verrugas podem ser vistas em quaisquer partes do corpo mas têm, entretanto, uma predileção para as mãos, face e couro cabeludo.

E' o mais diverso possível o número de verrugas existentes num mesmo indivíduo. Há pessoas que apresentam, às vezes, vinte ou mais verrugas, quer localizadas numa mesma região ou espalhadas por todo corpo.

Comumente apresentam o tamanho que vai desde o de uma cabeça de alfinete até, às vezes, o de uma cereja.

A coloração das verrugas é das mais variadas possíveis: cinzenta, preta, marron, etc.

Há diversas espécies de verrugas, mas citaremos, adiante, as mais comuns e que são: planas, vulgares, plantares, senis ou seborréicas, etc.

Algumas verrugas após um arranhão, leve pancada ou mesmo irritações provenientes de cauterizações mal feitas podem degenerar num tumor maligno, pondo então em jôgo a vida de uma pessoa. Nesses casos, estão, sobretudo, as verrugas senis ou seborréicas, muito comuns aos velhos.

Com mais frequência, ainda, do que quaisquer outras, essas espécies de verrugas são capazes de se transformarem em cancer, sobretudo quando se localizam no rosto.

Pelos fatos expostos acima toda e qualquer verruga deve ser destruída e a eletrocoagulação, conforme a técnica empregada por Bordier (França) resolve inteiramente o problema.

..NOTA: — Os nossos leitores poderão solicitar qualquer conselho sobre o tratamento da pele e cabelos ao médico especialista dr. Pires, à Rua México, 31 — Rio de Janeiro, bastando enviar o presente artigo deste jornal e o endereço completo para a resposta.

Figura 35 Conselhos de Beleza. Jornal A Voz da Serra. 14 de agosto de 1951

Nesse sentido corrobora a essa discussão os argumentos demonstrados por Stephanou (2006) quando explicita que:

No Brasil, nos anos 30 a 50 do século XX, as ações médicas nas cidades foram múltiplas e intensas, desde a formulação de propostas de saneamento, passando pela análise de problemas como a constituição do tipo brasileiro, até a proposição de iniciativas de educação e propaganda sanitária, dentre elas a elaboração e difusão de manuais de higiene e saúde. Tais iniciativas, de uma certa forma, estabeleceram uma rede de espaços de intervenção sanitarista, assistência clínica e terapêutica e

educação, assegurando a circulação dos discursos médicos no campo social. (P. 36)

Portanto, no caso dos impressos veiculados em Erechim, os discursos visam aliar-se às práticas de modo a criar o aspecto modernizado e civilizado tão esperado, veiculado através dos discursos; de modo a acompanhar o crescimento econômico e social da cidade.

Nesse âmbito, tem-se outra coluna dedicada ao público feminino: o cantinho da menina moça. Nele também se encontram diversos conselhos referentes a como as mulheres devem se comportar, se vestir, se maquiar e agir na sociedade.



cantinho da menina-moça
por POLLY POND'S

— “Minha mãe vive me re-
preendendo porque gesticulo
muito. Não sei o que fazer,
pois me parece que sem ges-
tos não consigo falar”.

É tudo uma questão de há-
bito. O que você precisa é
treino, treino e mais treino.
Em primeiro lugar convença-
se que sua mãe tem razão, e
que ela procura somente o
melhor para sua “filhinha”.

O segundo passo é confiar
se à sua amiga mais íntima
pedindo-lhe que ajude você a
perder esse mau hábito. Cada
vez que você começar a ges-
ticular demais sua amiga de-
verá estar alerta e chamar-lhe

a atenção discretamente. Mas
escôlha uma amiga realmente
discreta, para não ficar em-
baraçada diante de estranhos.

Além disso você poderá trei-
nar diante do espelho, com
as mãos atrás das costas. Fa-
le como se estivesse conver-
sando com seus amigos, po-
rém apertando firmemente u-
ma mão na outra. Procure
dar ênfase às suas frases sô-
mente com o tom da voz e
com os olhos. Fique sabendo
que muitos grandes oradores
e artistas costumam treinar
assim por meses a fio.

Esse treino não só libertará
você do excesso de gesticula-
ção, como também enriquece-
rá sua voz com modulações
mais variadas e expressivas.

Figurinos para 1964
A VENDA NA LIVRARIA MODELO

Figura 36 Cantinho da menina moça. Jornal A Voz da Serra. 11 de fevereiro de 1964

Nesta edição específica da coluna, podemos notar claramente o cunho voltado à área de abrangência dos esforços civilizadores; uma vez que estes aconselham (e até mais, coagem) a mudança e adequação de comportamentos desde as pulsões naturais do corpo, tais como o gestual, de forma a padronizar um *modus operandi* de comportamentos socialmente aceitos e difundidos.

Este assunto não é fato isolado na coluna, uma vez que todas as matérias seguem esse viés, onde apresentam quais formatos e tipos de vestimentas devem ser utilizados em cada ocasião social, quais os tipos e modos de utilização de cosméticos, além de questões pontuais de comportamento em sociedade.

No viés das questões trabalhadas por Bernadete Ramos Flores (2007), podemos perceber que a aliança entre a dimensão política e a estética constitui-se como cerne da possibilidade de análise quanto a pertinência da discussão de uma modernidade pretendida.

Sendo assim, trazendo tal consideração como contribuição ao que se pretende nessa análise, o campo da ciência (nesse caso a medicina, especificamente) ao tratar prioritariamente da estética, demonstrando características de uma excelência corpórea (e não só) aliada a uma trama de civilidades, torna-se uma discussão eminentemente política uma vez que lida com a instauração de sociabilidades aceitas e pretendidas a um projeto social; onde a busca da beleza transformar-se-á em irradicação de fealdades da nação (num projeto de sua nova constituição).

Considerando-se as matérias aqui apresentadas, percebe-se que os conselhos apresentados formam um corpus documental que passaria a reger as posturas de uma nova sociedade, a modernidade pretendida. Essas associações podem ser encontradas como afirma Stephanou (2006) de forma que:

É marcante nesses conselhos a associação íntima entre urbanidade e higiene, mostrando com isso o aspecto civilizado da assepsia, ou ainda, sob um cunho moral, o aspecto da virtuosidade e da dedicação ao trabalho metódico que o asseio individual exige: tarefa diária, constante, morosa. Outra associação vincula saúde e urbanidade, mostrando como as práticas de polidez, adequação, sobriedade concorrem à saúde e, por seu viés moral, como os excessos são condenados pela civilidade e o quanto seu controle por cada indivíduo concorre à saúde. (P. 39-40)

4.1 A especificidade da sexualidade: o livro *A nossa vida sexual* de Fritz Kahn.

Na década de 1950 surgem massivamente anúncios na imprensa referentes ao livro *A nossa vida Sexual* de Fritz Kahn. Este era apresentado enquanto um manual de grande circulação e importância para que dele se fizesse uso para esclarecimento de todo tipo de dúvidas relativas a sexualidade; figurando dentre as propagandas do jornal por anos, em praticamente todas as edições.

Esse era o anúncio veiculado:

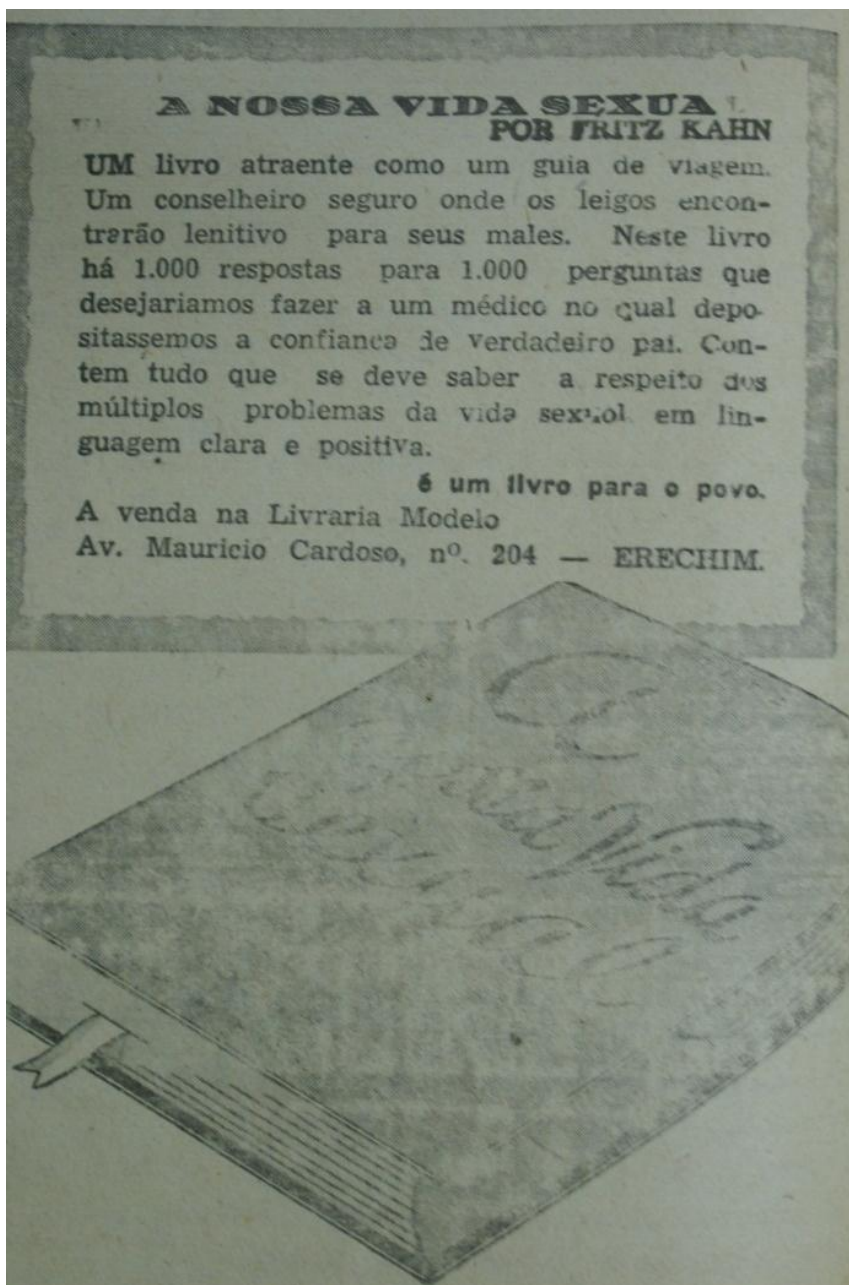


Figura 37 Matéria divulgação do livro. Jornal A Voz da Serra. 15 de janeiro 1952

A presença do mesmo anúncio, a ser repetida tantas vezes demonstra uma certa preocupação com o viés das questões por ele trazidas. O sucesso do livro não

se deu somente no Brasil, como se pode perceber nas afirmações de Carvalho 2013:

Kahn, nascido na Alemanha em 1888, dedicou-se à medicina e, em especial, à área de ginecologia e obstetrícia. Tornou-se conhecido por seus trabalhos de divulgação da ciência e por seus tratados de Astronomia, Medicina, Anatomia, Biologia e de comportamento humano – os quais prescreviam desde fisiologia corporal até às condutas de bom relacionamento entre mulheres e homens. Foi o criador de espetaculares ilustrações sobre o corpo humano, desenhadas conforme suas analogias contemporâneas do homem-máquina ou do homem-indústria. Como intelectual, foi reconhecido na Europa (antes da perseguição nazista devido à sua ascendência judaica); nos Estados Unidos (como autor de Best-sellers que lhe deram mais renome) e no Brasil (como médico representante de uma literatura voltada à educação sexual das famílias e dos indivíduos). Faleceu na Suíça, em 1968, deixando diversas obras de cunho didático, higiênico e propedêutico que foram traduzidas para diversos idiomas. Na atualidade, seus livros são objetos de colecionadores e ocupam as estantes de sebos e bibliotecas que preservaram alguns exemplares; a linguagem é medicomoralista e pode soar de forma cômica para muitas pessoas, embora traços de discursos acerca da orientação para a vivência da sexualidade ainda se fazem presentes em algumas representações circulantes (papel da mulher no casamento e no trabalho, direitos dos homens, manifestação do desejo erótico-afetivo, etc.). (p. 6)

Em específico, a obra “A nossa vida sexual” acabou se tornando um sucesso no país em comparação com seu gênero editorial, sendo que, como afirma Fontoura (2018) “foi publicada em 1940, permanecendo por mais de quarenta anos à venda, sendo que a 27ª e última edição data de 1982. Nos anos 70 ainda era o segundo livro mais vendido da editora Civilização Brasileira, perdendo apenas para o Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa.”(P. 180).

O livro está dividido em 10 partes, dentre elas estão: as funções sexuais; as relações; a higiene; o problema da procriação; os transtornos da vida sexual; as doenças; a prostituição; a vida sexual dos jovens; a vida sexual dos solteiros e para finalizar a solução do problema sexual. Cada um deles busca explicar aspectos mais polêmicos e questionados de cada eixo, além de deixar soluções e resoluções para as questões apresentadas.

No capítulo 4 da obra, intitulado “A função sexual da mulher” um dos tópicos apresentados trata dos transtornos menstruais, afirmando que a maioria destes tem origem psíquica, exemplificando da seguinte forma:

“Causa frequente de transtornos menstruais (como de muitos outros estados mórbidos, tais como enxaqueca, vômitos, dores de estômago, cólicas biliares, dores apendiculares) é o desejo de se fazer valer. Mocinhas bonitas, cheias de vida e animadas, sofrem raramente de perturbações menstruais, enquanto estas são comuns nas menos ricas de dotes físicos e por isso prejudicadas em sua atitude na vida. As raparigas feias invejam naturalmente suas irmãs mais felizes.” (p. 37)

Nesse sentido, vem à tona também em 1952 uma matéria cujo intuito seria a defesa das mulheres “feias”.

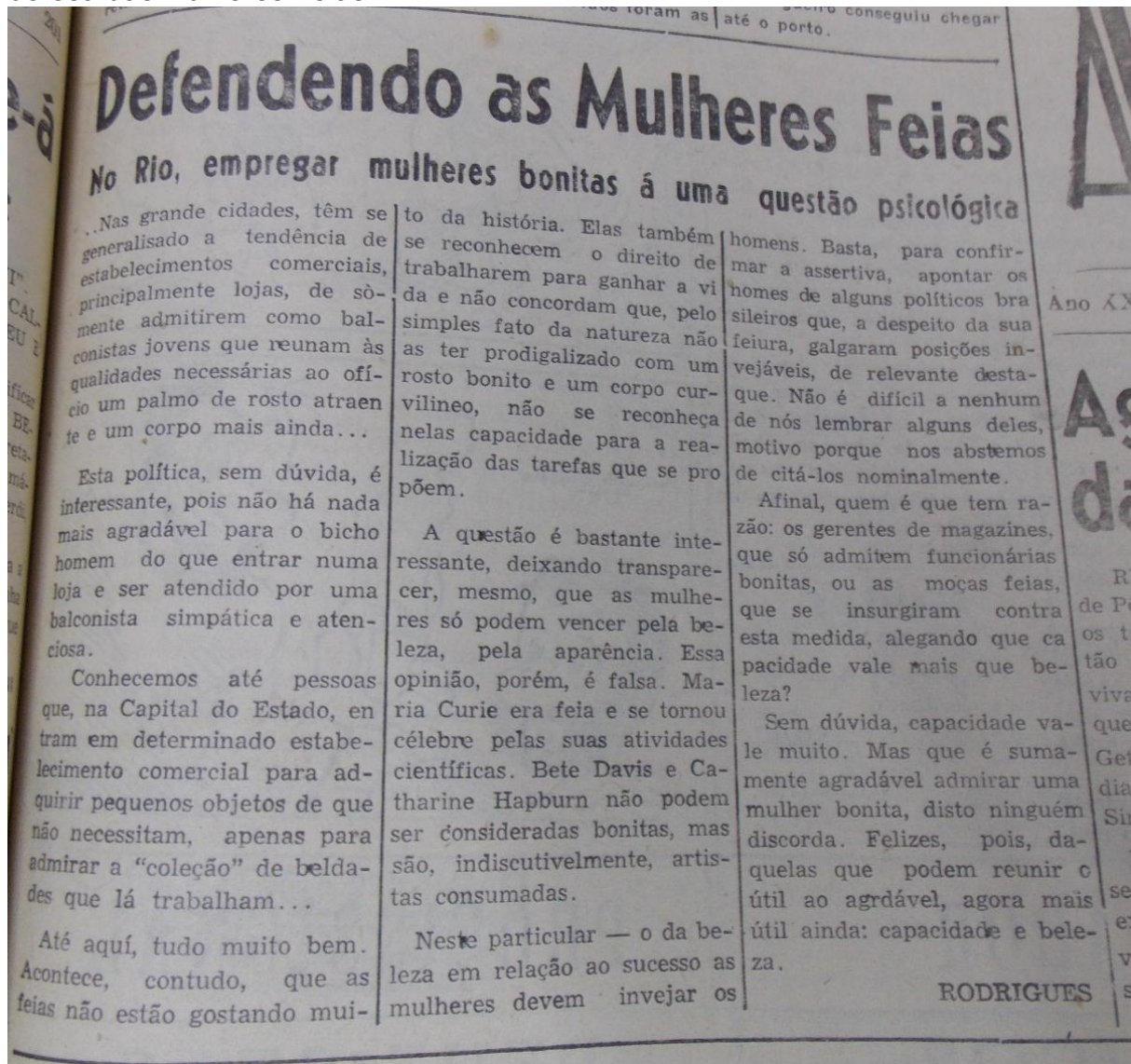


Figura 38 Matéria Defendendo as Mulheres Feias. Jornal A Voz da Serra. 19 de setembro de 1952.

Percebe-se um discurso do feminino ainda valorizado enquanto beleza intocável e admirável, de modo a excluir e vitimizar as mulheres que não se encaixavam ou mais especificamente não estariam se despendendo em esforços para fazer parte dessa visão.

Porém, no próximo tópico, Khan explana que o melhor tratamento para tal questão seria uma educação adequada de forma:

“que mostre as mocinhas em período de crescimento serem as funções sexuais um fenômeno natural, comum a todas as mulheres e não uma manifestação de inferioridade. Que não se fale em “incômodo”, “indisposição” ou “dias de doença”, que não se faça mistério quando um membro feminino d família esteja menstruando. Em lugar de troçar com a mocinha, falar-lhe assim: Tua regra mensal não é nem doença nem incômodo. Ela é o sinal de que se completou a tua maturação sexual e em teu corpo crescem os germes capazes de se transformar em filhos. Agora já não és mais criança, mas sim uma mulher e dentro de poucos anos, quando

casada, será justamente através de tuas regras que chegarás a gravidez. Alegra-te com o aparecimento de tuas regras e despreza as pequenas perturbações por ventura aparecidas. A regra mostra que teu corpo é são e fecundável. O líquido vermelho que do teu corpo flue não é nenhum sangue mau, como as velhas dizem, mas o alimento com que algum dia terás de alimentar teu filho dentro de ti. Considera a regra como o anúncio da maior felicidade de tua vida futura – a gravidez.” (p. 38)

Percebe-se que, o lócus do feminino reside especificamente em torno de sua condição de progeneratura. A partir dessa centralidade é que se delimitam e organizam os traços e comportamentos que a figura feminina deve assumir e incorporar.

Em novo tópico apresentado como “Os caracteres sexuais secundários” são apresentadas as “peculiaridades psíquicas da mulher”. Demonstra-se que:

“Como em sua estrutura corporal, também no caráter e na atitude psíquica permanece a mulher mais próximo da criança. Se ela está aparentada à acriança é para melhor servir-lhe de mãe. Essa maior proximidade facultalhe compreendê-la melhor, enquanto o homem, por seus desenvolvimentos, se afasta muito mais da criança e da infância, que lhe ficam mais estranhas. Como a criança, é a mulher feita mais para receber que para produzir, é mais aquecida pelo sentimento que iluminada pela razão, nela os instintos estão mais vivos que a consciência. Ela é mais inclinada a sofrer que a magoar, a servir em lugar de dominar e dessa forma sua natureza está colocada entre o homem e a criança, para servir de esposa àquele, de mãe a esta e para constitui o centro de tão diversos membros da família.” (p. 42)

Continuando ainda:

“O ser humano é, por sua natureza, amigo das crianças. Em toda mulher normal e corretamente educada vive o desejo da maternidade. Todo matrimônio fundado em bases morais tem como alvo uma vida familiar cheia de risos infantis, alegria e crescimento. Em seus filhos o indivíduo vive uma segunda existência. Uma mulher que se condena à esterilidade devido a razões exclusivamente pessoais, como seja para não estragar a sua formosura ou para não perder o seu lugar entre as campeãs de tênis, está tão degenerada que a nação deve dar-se por feliz por não se reproduzir um ser assim tão cheio de graves defeitos morais. Em toda mulher de instintos normais e boa educação vive sempre uma mãe.” (p. 117)

Dessa forma, lançou-se o feminino em um lugar limítrofe entre duas práticas distintas: primeiramente tida como aceita socialmente e incondicional incorporação às regras e papéis atribuídos à maternidade e a feminilidade; e outra a “loucura”, uma vez que não seguir tais instintos maternos seria sinal de degeneração de conduta.

Em novo assunto, surgem os transtornos da vida sexual. Nele, tem lugar central a impotência conjugal. Dessa forma, apresenta-se-lhe que:

“A falta de excitação erótica é a principal causa de perda da potência masculina nas relações conjugais. O homem habitua-se às excitações que a mulher lhe pode proporcionar; com a força do hábito, elas deixam de ser excitações reais. O homem ao envelhecer requer estímulos maiores, enquanto a mulher, que também vai envelhecendo, só os pode fornecer em grau cada vez menor - na igualdade da sexualidade cria-se assim um valor negativo sempre crescente.” (p. 170)

Como solução, apresenta-se então o tópico prevenção da impotência conjugal:

“A mulher ocidental deve chegar, como suas irmãs do Oriente, a encarar a Erótica como dever e arte. Ela deve compreender que seu verdadeiro papel não está em aprofundar-se em todas as artes e ciências, nem em invadir as profissões masculinas mas que a Natureza lhe traçou uma linha de conduta especificamente feminina e totalmente destituída de masculinidade, que ela deve seguir se deseja tornar-se verdadeiramente feliz. As diversas estações desse ciclo vital chamam-se: amor – casamento – maternidade – educação dos filhos. Essa tarefa, muito mais elevada que qualquer profissão, é pelo menos tão difícil e cheia de responsabilidade como qualquer ofício masculino e a mulher deve, para exercê-la com proficiência, dedicar toda a força e tempo de sua mocidade a uma preparação adequada.” (p. 170)

Outro fator importante seria a distinção total dos papéis femininos e masculinos. Tal distinção evitaria então, que a mulher se afastasse de suas responsabilidades e papéis no lar, e que por sua vez se mantivesse inteiramente feminina e disponível para o casamento, de forma a evitar a impotência conjugal.

Não obstante, compara-se então a trajetória profissional do homem a preparação e exercer da mulher em sua vida.

“Como os homens, mediante anos de estudo, se tornam especialistas em sua profissão, assim também as moças deviam preparar-se para o casamento e a maternidade em ‘escolas superiores femininas’, que lhes fornecessem um certificado que desse aos noivos a certeza de que a sua eleita não é uma criatura animada e ôca mais sim uma pessoa apta a tornar-se a companheira de sua vida e a desempenhar satisfatoriamente os seus deveres conjugais. Nessa escola matrimonial a arte da Erótica deveria merecer a necessária atenção. A mulher deve aprender a considerar a Erótica como uma nobre e elevada arte, em lugar de ignorá-la como “sem importância” ou desprezá-la como “imoral.” (p.170-171)

Por sua vez, a mulher é colocada em função de mantenedora das responsabilidades de sucesso tanto da vida sexual, quando conjugal do casal. Sendo que “ela deve saber que sua posição no lar, a adoração que o marido lhe tributar, a segurança de sua posição de “esposa”, dependem em alto grau da arte de cativar o esposo e de mantê-lo sempre sob a ação de seus encantos.” (p. 171) Ainda mais, os enunciados chegam a atribuir veementemente o papel de culpa a mulher, uma vez que afirmam “todo agrupamento humano tem o destino que merece. Se as mulheres do ocidente tão a miúdo tem maridos infiéis e precocemente impotentes é porque elas próprias traíram o seu verdadeiro papel e tornaram-se impotentes no amor.” (p. 172)

Cooperação da mulher indispensável ao êxito da família

Rio, (Agencia Nacional) — Em fase do movimento, principalmente por parte da mulher que trabalha, para que seja alterado o código Civil, elaborando em época em que as mulheres longe estavam de conseguir sua emancipação sob vários aspectos ouvimos o deputado Mário Guimarães, para que o ilustre parlamentar nos expusesse seu ponto de vista, relativamente ao assunto. Nossa primeira interrogação foi concorrente ao pátrio poder da mãe que contrai novas núpcias:

— A mãe, que contrair novas núpcias não deve perder, na minha opinião, o pátrio poder, dos filhos do matrimônio anterior. Não! O princípio estatuído no artigo 393 do Código Civil merece urgente reforma, eis que é inadmissível a sua manutenção. O próprio Código, nos arts. 393 e 394, já previa a hipótese da mãe que contrai novas núpcias perder o direito à guarda dos filhos, provido que ela, ou o padrasto, não os trate convenientemente, assim como suspensão do pátrio poder quando o pai ou mãe faltam aos seus deveres ou arruine os bens dos filhos. E esses dispositivos salutaríssimos são suficientes para garantir os filhos, na hipótese, de um desafortunado novo casamento de sua progenitora.

—o—

Tão eficiente quanto à do homem

Perguntando sobre a cooperação da mulher em vários setores de atividades humanas, disse o deputado Mário Guimarães:

A observação da vida cotidiana, mostra, sem sombra de dúvida, que a atividade da mulher quando devotada a misteres próprios do sexo, é tão eficiente quanto à do homem, nos setores que lhe são mais adequados. A par disso, deve ser salientado que a cooperação da mulher é indispensável ao êxito do marido, pais ou filhos. Não acredito que haja quem tenha se arrependido de ouvir seus conselhos nas horas difíceis. Quanto ser mulher casada considerara relativamente incapaz, conforme o art. 6.º do Código Civil Brasileiro, o parlamentar foi categórico em sua resposta:

— Não. As leis têm de acompanhar a evolução dos costumes, dos povos. A época em que foi elaborado o Código Civil, há mais de quarenta anos, outra era a concepção dos brasileiros a respeito dos direitos da mulher. Nos dias que correm, quanto à mulher já se reconhece, inclusive o direito de votar, e ser votada, não se compreende, nem justifica, que continue ela considerada relativamente incapaz enquanto subsistir a sociedade conjugal.

P A P E I S

Papeis de seda, celofane, assetinado, jornal, manilha e cartolina, recebeu variado estoque a Livraria Modelo.

Figura 39 Cooperação da mulher indispensável ao êxito da família. Jornal A Voz da Serra. 26 de agosto de 1958

Khan utiliza-se também da figura da mulher europeia como exemplo, e mais especificamente em sua questão de asseio pessoal. Dizendo que:

“A mulher europeia media é como um quadro que se pendura à janela com o lado da pintura para fora, para que o mundo exterior o admire, enquanto os moradores da casa são reduzidos à contemplação de seu fundo de papelão. Ela “faz-se bonita” quando sai a passeio, quando devia (como fazem as orientais) enfeitar-se justamente para ficar em casa; pinta-se e perfuma-se para sair à rua, enquanto que para o marido em casa ela mostra a sua face sem ornatos.” (p. 171)

Desta forma, apresentasse uma deturpação dos conselhos. Deve-se então atentar para a divisão das esferas públicas e privadas, onde em cada uma a mulher tem de ter posturas distintas, porém sem deixar a desejar em nenhuma delas.

A parte final do livro é chamada de “a nova classe humana”, nela estão apresentadas as preocupações com as condutas que vão se reforçando com os “tempos modernos”. Como sempre, a mulher acaba na centralidade das discussões.

“A civilização do “bom tempo antigo” era exclusivamente masculina. Edificada pelos homens, ela servia somente aos interesses do sexo masculino. A mulher era considerada como uma espécie de animal

doméstico, que a Providência pusera a serviço do homem, para trabalhar para ele, satisfazer os seus desejos eróticos e dar-lhe filhos. Ninguém se importava com as necessidades femininas, entre as quais figuravam as exigências sexuais.” (Khan, 1965, p. 313)

Por mais que apresente os ideais do passado como deixando de lado a figura feminina, através de todas as regras e conselhos não demonstra mudanças significativas; uma vez que ainda apresenta diversos conselhos onde se colocam as posturas femininas enquanto complementares da masculina, e mais enquanto preocupação para que a mulher saiba seu espaço e não tente sobressair-se ao papel do marido.

De tal forma, assegura ainda que alguns aspectos a serem observados na sociedade decorrem das posições de mudança referente à figura feminina.

“Daí a mudança completa da posição da mulher na vida moderna. A moça já não é, como até o fim do século passado, uma mercadoria nupcial que os pais oferecem aos pretendentes. Ela já não fica mais nas salas de baile, assentada numa cadeira de dourado espaldar, à espera de um galã que venha tirá-la para dançar. Hoje a sua posição é muito outra. Ela transformou-se num “ser humano” capaz de escolher a própria orientação na vida, com capacidade profissional, méritos pessoais e orientação na vida, com capacidade profissional, méritos pessoais e que chegou a opinião judiciosa de ser preferível continuar só mas feliz a ser infeliz junto a um homem. Dessas novas condições resultaram diversas enfermidades dos tempos atuais, que provavelmente serão ainda vencidas algum dia, como a falta de trabalho, a deficiência de habitações e uma desproporção, intransponível para a maioria dos homens, entre os rendimentos e as necessidades de uma família civilizada. O número de casados diminuiu em todas as classes sociais e a época do casamento vem sendo cada vez mais recuada, especialmente para a mulher, de modo que atualmente uma moça solteira de 25 ou 30 anos não desempenha mais o papel triste de “donzela assentada à espera do galã” mas tornou-se um tipo reconhecido pela sociedade.” (Khan, 1965, p. 288)

Nas páginas do jornal podemos encontrar, em consonância, a matéria “lutam pelos seus direitos as mulheres do Brasil”. Nela refere-se aos direitos das mulheres casadas, de modo a argumentar que se o matrimônio é a dignificação da mulher, porque seria ele então maneira de degradar juridicamente a mulher.



Figura 40 Lutam pelos direitos as mulheres do Brasil. Jornal A Voz da Serra. 8 de julho de 1958.

Como demonstrado na matéria, apesar do direito de voto havia ainda muito a ser considerado acerca dos direitos e liberdades femininos. Muito em parte, se dava

porque ao mesmo tempo em que apareciam tais inserções acerca da busca de modificação das posturas acerca do feminino, as matérias e regras demonstravam grande coerção das posturas a que estas estavam submetidas. Nessa matéria em específico, veem-se citados vários nomes de candidatos que, provavelmente, se utilizaram da causa para angariar simpatizantes.

Desta breve análise, percebe-se claramente que as inserções midiáticas (fotográficas, em forma de regras, conselhos ou dicas) criavam uma atmosfera de modo a cobrir todos os aspectos da vida feminina, implementando uma padronização de comportamentos através do modelo que lhe era esperado nos discursos veiculados na temporalidade analisada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a história de uma cidade requer impreterivelmente, posicionar-se.

Posicionar-se enquanto seu morador ou visitante; enquanto observador passivo de suas histórias típicas veiculadas ou questionador dos fatos; enquanto espacialidade desta cidade que se ocupa e frequenta; enquanto membro aceito e convicto de sua sociabilidade ou margem de sua dita efervescência; enquanto observador das imagens que esta nos proporciona no dia a dia....

Pensá-la significa andar por suas ruas percebendo a configuração da espacialidade que as tornou possíveis, os sentidos destas serem classificadas como centro ou margem e o que estar nesses opostos significa nela, a imagética de suas fachadas, além dos próprios desígnios que se fazem dela, tal como atualmente Capital da Amizade.

O ponto inicial de partida e motivação do trabalho se localiza justamente no cerne dessas questões. Enquanto mulher, nascida e criada em Erechim, morando em bairro limítrofe do final da cidade e de classe baixa, a graduação em História reafirmou meus olhares para buscar compreender como se construiu a cidade que vemos atualmente e as relações nela vivenciadas.

A aliança entre os diferentes discursos encontrados nas publicações gerais da época formam uma rede de regramentos, que cobrem todas as situações passíveis de controle na sociedade. Dessa forma, vêm-se aliados os princípios morais, comportamentais, higiênicos e estéticos numa essência a ser buscada, e conseqüentemente atingida, de forma a criar um padrão que irá imperar na sociedade, e onde os que não o tiverem serão excluídos dos desígnios de bons cidadãos.

Em sintonia com tais publicações, vemos o Clube Treze de Maio enquanto lugar essencialmente profícuo para a análise de tais materiais, já que enquanto clube formado e combativo quanto a uma etnicidade negra (uma vez que tais indivíduos não eram aceitos em outros clubes) demonstra apropriação de todo discurso civilizatório de modo a incorporá-lo aos seus discursos e mais, utilizá-lo de modo à galgar melhor posicionamento e distinção social.

Fica aqui o desafio inicial deste trabalho, que aponta inúmeras possibilidades importantes para buscar compreender o âmago das relações sociais na cidade na temporalidade analisada. Cabem ainda aprofundamentos na temática tais como a

relação entre os clubes, à relação de cada clube separadamente quanto aos preceitos de civilidade, as punições e/ou percepções quanto as exceções as regras de civilidade, dentre outros.

E principalmente, tornam-se de extrema importância tais discussões no sentido de perceber uma moldagem de um discurso acerca da cidade, tanto visualmente como nos modos de experienciá-la; uma vez que inicia-se um novo modo de tratamento e uma busca por criar uma identidade de modernidade com bases no progresso e esforço de imigrantes para a construção da história da cidade.

A inserção imagética, cada vez mais presente nos espaços de difusão de informação, instaura a representação dos tipos ideais a serem incorporados que por sua vez se constituem nos cânones estéticos a serviço dos ideais políticos e raciais estabelecidos pela nação; dessa forma se veem aproveitadas as sensibilidades estéticas para fins políticos (principalmente no que concerne ao estabelecimento de tipos ideais, propiciando uma certa produção em série).

A imprensa, então, como no caso estudado, se tornará palco do empreendimento de criação de novas sociabilidades ancorada nos discursos sobre o corpo de modo a moldar o tipo ideal pretendido. Dessa forma, vemos o Estado como articulador de projetos onde se encontram as estratégias de ordenamento dos sujeitos enquanto parte essencial para o alcance e realização dos novos ideais a que se pretendia estabelecer a sociedade, nas palavras de Flores (2007) “criar a “raça nacional” é imprimir no corpo do cidadão não só sentimentos, uma língua e um tipo físico” (P. 19) mas também todo aparato civilizador que abrange a criação de um tipo ideal pretendido.

Assim, a Revista Erechim, enquanto veículo de forte inserção imagética, e o Jornal A Voz da Serra, contribuem em grande parte para a constituição de uma representação da cidade enquanto moderna. Esse empreendimento se dava prioritariamente através de discursos e imagens que ressaltavam características da cidade em acordo com referenciais típicas da modernidade.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, MG. **Fronteiras sociais e identidades no território do complexo da usina hidrelétrica da Serra da Mesa-Brasil**. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 145-166.

BAPTISTA, Íria C. Q. ABREU, Karen C. K. **A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial**. *Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia*, V. s/n, p. 01 à 23, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAMPOS, Daniela Queiroz. **A Civilidade em traços e letras: Preceitos de civilidade na coluna Garotas, de O Cruzeiro, nos anos dourados (1950-1964)**. Florianópolis, 2007. Monografia de conclusão de curso.

_____. **Espectros dos anos dourados: imagem, arte gráfica e civilidade na coluna Garotas da Revista O Cruzeiro (1950–1964)**. Porto Alegre, 2010. Dissertação de mestrado.

CECCHIN, Cristiane. **LITERATURA PARA UMA VIDA EM MATRIMÔNIO: A construção das sensibilidades conjugais em manuais de civilidade**. Florianópolis, 2010. Dissertação de mestrado.

CESE, Centro de Ensino Superior de Erechim. **Histórico de Erechim**. Passo Fundo: Instituto Social Padre Berthier, 1979. 280 p.

CEREZER, Larissa. **No recato da intimidade: reflexões sobre a mulher e a família burguesa no brotar do século XX**. *Percursos*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 31-39, jan. / jun. 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Portugal: Difel editora, 1987.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHIAPARINI, E.J. et al. **Erechim: retratos do passado, memórias no presente**. Erechim: Graffoluz (2012).

COLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino**. Dourados, UFGD, 2014.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Projeto Saberes Impressos**. Imagens de Civilidade em textos escolares e não-escolares: composição e circulação (décadas de 50 a 70 do século XX).

_____. **Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

DETONI, M.G. **Erechim e sua arquitetura antiga**. A voz da Serra, Erechim (1989).

DETONI, M. I. G. CHIAPARINI, E., MENEGATTI, A. **Álbum fotográfico da História de Erechim**. Erechim: Edelbra, 1999.

DUCATTI Neto, A. **O grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia (1981).

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Vol 1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Vol 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FABRIS, Neivo Ângelo. **Revista de Erechim – Uma inédita e efêmera experiência na zona colonial do RS**. Especialização em Ensino de História do Rio Grande do Sul.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Tecnologia e Estética do Racismo: ciência e arte na política da beleza**. Chapecó: Argos, 2007.

FORNAZARI, Luciana. **Gênero em Revista** – Imagens modernas de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós-guerra. Florianópolis, UFSC, 2001 (dissertação de mestrado).

FUNFGELT, Karla. **História da paisagem e evolução urbana da cidade de Erechim – RS** . 2004, 128 f. il. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)**. 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História.

ILLA FONT, Juez Miguel. **Serra do Erechim: Tempos Heróicos**. Erechim: Empresa Gráfica Carraro, 1983. 334 p.

LIMA, Laura Ferraza de. **Vestida de frivolidades: a moda feminina em suas visões estrangeira e nacional na revista O Cruzeiro de 1929 a 1948**. Porto Alegre, 2009. Dissertação de mestrado.

PECHMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das Fronteiras. In: **Fronteiras Culturais: Brasil – Uruguai – Argentina**. MATINS, Maria Helena. (Org.) São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del (org.) e BASSANEZI, Carla (coord. de texto). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PETRUSKI, Maura Regina; CHAVES, Niltonci Batista. **O Preceito do Dia: educação e saúde no Diário dos Campos (1951-1955)**. Revista de História Regional 18(2): 292-315, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>>

PINHEIRO, EP. **Hausmannização ou haussmannizações?**. In: Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador) [online]. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.) e BASSANEZI, Carla (coord. de texto). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A distinção e suas normas**: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade – Rio de Janeiro, Século XIX. Acervo. Rio de Janeiro. V8, nº 1-2, p. 139 -152. Jan/dez, 1995.

REVEL, Jacques. Os usos da Civilidade. In: **História da Vida Privada 3**: Da renascença ao século das luzes. CHARTIER, Roger (Org.) São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SKOWRONSKI, Aline Beatís. **Erechim das cinzas ao sonho**: Erechim destruída por incêndios e renovada pela modernidade. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2008.

SALERNO, Laura Peretto. **Querida ensina: Preceitos de comportamentos femininos em páginas da Revista Querida (1958-1968)**. Dissertação de Mestrado – UDESC. 2009.

SALERNO, L. P.; CUNHA, M. T. S. **Discursos para o feminino em páginas da revista Querida (1958-1968): aproximações**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 40, p. 127-139, abr./jun. 2011. Editora UFPR.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador**: dom Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SANTOS, Fernanda Pomorski dos. **Esporte Clube Treze de Maio: associativismo negro em Erechim**. Monografia de Conclusão de Curso. UFFS Campus Erechim. 2014.

SPONCHIADO, B.A. **O positivismo e a colonização no norte do Rio Grande do Sul**. Frederico Westphalen, Universidade Regional Integrada (2005).

STEPHANOU, Maria. **Tratar e Educar: discursos médicos nas primeiras décadas do século XX**. Porto Alegre, 1999.

Jornal A Voz da Serra. 1950 e 1960.

Revista de Erechim. 1951 – 1966.

Acervo Fotográfico do município de Erechim-RS. Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.